Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira **29.4.2024** / Diário / Ano 160.º / N.º 56 620 / **€ 1,50** / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

EUROPOL DECLARA GUERRA ÀS MENSAGENS ENCRIPTADAS. PJ JUNTA-SE AO ALERTA

CRIMINALIDADE

As autoridades alegam ficar com menos meios para prevenir crimes como os de abuso sexual de menores, tráfico de pessoas ou terrorismo com a decisão da Meta de encriptar as mensagens de ponta-a-ponta sem manter o registo dos dados. A PJ esteve presente numa reunião em Londres, onde 32 chefes de polícias exigiram medidas urgentes aos Governos e às plataformas para proteger a segurança pública.

PÁGS. 4-5

FC PORTO 2 - 2 SPORTING

Dois golos de Viktor Gyökeres estragam festa aos dragões.

As prioridades de Villas-Boas PÁGS. 22-24

FORTE DE PENICHE

O DN viajou num autocarro com 55 antifascistas rumo à inauguração do Museu da Resistência PÁGS. 8-9

SAÚDE

Comer menos pode ajudá-lo a viver mais tempo? PÁGS. 12-13

CIÊNCIA *VINTAGE*

O cheiro da "terra molhada" tem um nome científico PÁG. 14

AGRICULTURA

Portugal foi o país do mundo que mais vinha perdeu em 2023 PÁG. 16

INTERNACIONAL

América Latina em transe com tensões entre vários países PÁGS. 18-19

CINEMA

Ciclo *Outsiders* da FLAD está de volta com a família americana PÁGS. 26-27

Até ver...

Valentina Marcelino
Diretora adjunta do Diário de Notícias

Ao meu pai, aos 2626 presos políticos do Forte de Peniche. Pela memória futura

Um dos nossos mais antigos repórteres fotográficos, o Leonardo Negrão, tem por hábito publicar, a preto e branco no Facebook, imagens dos camaradas de redação, atuais e antigos, em momentos de trabalho ou convívio, numa espécie de álbum digital a que chama "Para memória futura".

Sabemos que as memórias são diferentes de pessoa para pessoa; o que uma acha relevante, outra pode nem ter notado. Sabemos também que um país tem tantas memórias como cada um dos seus cidadãos, e que há memórias coletivas de determinados grupos de pessoas que partilharam experiências comuns. Todas estas, incluindo as das fotografias do Leonardo, constituem a história e reforçam as raízes de uma nação.

Cada vez que há tentativas de desvalorizar, contrariar ou mesmo apagar algumas dessas memórias, quem as guarda reage, naturalmente, com alguma exaltação. Sejam as daqueles que, por exemplo, viveram na ditadura sem sobressaltos, sejam as dos que nunca viveram de outra forma nessa época senão em sobressalto. Ambas merecem respeito e compreensão, mesmo sabendo que todos fizeram escolhas.

Por tudo isto, quando se olha para os 2626 nomes de ex-presos políticos talhados numa pedra à entrada do Forte de Peniche, antiga cadeia do Estado Novo, transformado em Museu da Resistência e Liberdade, inaugurado neste sábado, e se pensa no que sofreu cada um deles e delas (há duas mulheres, cuja história é contada, nesta edição, pela nossa jornalista Alexandra Tavares-Teles) qualquer silêncio que se pretenda impor sobre as memórias destas pessoas, das suas famílias, é, tão-só, indigno.

Não digo isto porque entre esses 2626 nomes está o do meu pai, nem porque só quase adulta me descobri, em memórias escritas num diário, como a menina de 3 anos que acordava todos à noite com os seus gritos de pesadelos e obrigava todos os que com ela compartilhavam uma casa para filhos de presos políticos a procurar, antes de adormecer, "animais maus" debaixo da sua cama. Nesse diário, escrito por uma mulher que se tornou depois pedagoga e estudiosa destes traumas dos filhos da ditadura, a interpretação é de que os tais bichos simbolizavam os PIDES que eu tinha visto a irem buscar o meu pai a casa.

Não sei. Sei que os pesadelos não me deixaram muitos anos, mas aprendi a enfrentá-los e a vencê-los. Acredito que outros filhos e pais de presos políticos também o tenham conseguido. A maioria dos nomes registados na tal pedra à entrada da antiga cadeia – que alguém, que não respeita a memória, queria transformar em hotel – são de portugueses comuns, mas também há cerca de uma centena de estrangeiros, espanhóis principalmente, mas também angolanos, moçambicanos, goeses e até alemães. Todos ali estiveram encarcerados pelo seu pensamento, porque escolheram enfrentar os monstros.

É essa resistência que, individual ou coletiva, jamais deverá ser esquecida – mesmo se há quem, como é caso dos representantes da Iniciativa Liberal na manifestação do 25 de Abril na Avenida da Liberdade, não tenha encontrado nada mais apropriado como palavra de ordem, num dia em que se celebra o fim de um regime que perseguiu, torturou e matou comunistas (ou os que eram tidos como tal), e num local onde muitos dos sobreviventes dessa perseguição se reúnem a celebrar, que "comunismo nunca mais".

Num país no qual uma lei aprovada em 1997 para permitir aos presos políticos da ditadura, e aos que viveram na clandestinidade, pudessem contabilizar esse tempo para efeitos de pensão nunca foi regulamentada, o mínimo de reparação devida a quem gastou anos, por vezes décadas da sua vida, nos calabouços do Estado Novo é respeito pela sua coragem e sacrifício.

Além da sua disruptiva e oportuna declaração sobre o dever de reparação histórica pelos desmandos do Império português, Marcelo Rebelo de Sousa parece ter sentido a necessidade de sublinhar que esse respeito é um fator essencial da preservação da memória coletiva do país.

O Presidente da República podia só ter estado na inauguração oficial do Museu da Resistência, proferido palavras de circunstância. Mas escolheu esperar pela inauguração protagonizada pelas centenas de resistentes, ex-presos políticos e respetivas famílias, que decorreu mais tarde. Quem o viu, de cravo vermelho ao peito, à porta do Forte de Peniche – a mesma porta por onde, 50 anos antes, saíram em liberdade os últimos detidos –, seguindo depois, anónimo (não quis câmaras), na massa anónima que entoava a *Grândola Vila Morena*, sentiu que também ele, humildemente, queria render homenagem a quem ali tanto sofreu. Para e pela memória futura ia a cantar com eles.

OS NÚMEROS DO DIA

2,5

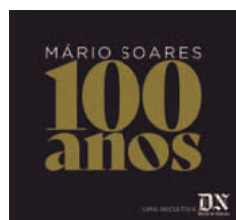
MIL MILHÕES
A dívida bilateral dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) a Portugal duplicou nos últimos 25 anos, chegando a 2,5 mil milhões de euros em 2022. Angola é o principal devedor, responsável por 1054 milhões de euros.

ATIVISTAS
militantes do movimento ambientalista Climáximo foram detidos ontem pela PSP durante uma marcha lenta na Calçada do Combro, em Lisboa. Os ativistas desfilavam em protesto pela crise climática e contra a expansão da indústria dos combustíveis fósseis.

19

TAÇAS
O FC Porto reforçou o domínio histórico na Taça de Portugal de hóquei em patins, ao conquistar ontem o 19.º troféu, com um triunfo por 3-2 face ao Óquei Barcelos.

50

ANOS
Cabo Verde acolhe na quarta-feira, 1 de maio, a celebração dos 50 anos de libertação dos presos políticos do Campo de Concentração do Tarrafal, símbolo da opressão e violência da ditadura colonial portuguesa. Ao todo, foram presas no *Campo da Morte Lenta* mais de 500 pessoas.

29.4.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editor-chefe** Nuno Ramos de Almeida **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Bruno Horta, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, João Pedro Henriques, Manuel Catarino, Margarida Davim, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida e António Mateus (coordenadores), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

A Europol reuniu 32 chefes de polícia em Londres e faz um apelo aos Governos e às plataformas tecnológicas para se manter o acesso aos dados.

Europol declara guerra às mensagens encriptadas que travam investigações. PJ juntou-se ao alerta

CRIMINALIDADE As autoridades alegam ficar com menos meios para prevenir crimes como os de abuso sexual de menores, tráfico de pessoas ou terrorismo com a decisão da Meta de encriptar as mensagens de ponta-a-ponta sem manter o registo dos dados. A PJ esteve presente numa reunião em Londres, onde 32 chefes de polícias exigiram medidas urgentes aos Governos e às plataformas para proteger a segurança pública.

TEXTO **CARLA AGUIAR**

Como garantir a segurança e a privacidade dos dados, permitindo, ao mesmo tempo, a investigação criminal num mundo assumidamente virtual, onde as comunicações, as transações e os crimes se fazem cada vez mais *online*? Trinta e dois chefes das polícias europeias lançaram este mês um alerta sério sobre o risco para a segurança pública do crescente uso da encriptação ponta-a-ponta das comunicações nas plataformas de mensagens. "Prejudica a capacidade de investigar e prevenir crimes", alegam.

Portugal esteve representado pelo diretor Nacional da PJ, Luís Neves, que lembrou ao DN a *Declaração Conjunta de Chefes de Polícia Europeus – Declaração de Lisboa – sobre Metadados e Investigação Criminal*, que resultou de um encontro que decorreu no ano passado na sede desta Polícia, visando alertar para as dificuldades colocadas à investigação criminal devido à proibição do armazenamento dos metadados das comunicações, que deixou os investigadores sem acesso ao histórico das comunicações de suspeitos.

"Sem metadados e, desde há alguns anos com as comunicações encriptadas, as polícias vão ter cada vez mais dificuldades em resolver crimes e em combater organizações criminosas tecnologicamente capacitadas e multifacetadas para escapar ao controlo das autoridades. Esperemos que nunca cheguemos a um patamar de dificuldades em que seja preciso recorrer a medidas de exceção", adiantou Luís Neves, à margem da reunião de Londres.

Numa declaração conjunta, a Europol e a National Crime Agency, do Reino Unido, exortam os Governos e empresas como a Meta (dona do Facebook, do Instagram e do WhatsApp) a "tomarem medidas urgentes para garantir a segurança pública em todas as plataformas tecnológicas".

Em causa está a decisão comercial anunciada, em dezembro, pela Meta de fazer, de forma automática, a encriptação ponta-a-ponta dos dados trocados na sua aplicação de mensagens *Messenger*, depois de já o fazer no WhatsApp. Isso significa que a empresa deixa de deter ou vigiar conteúdos ilegais e, por maioria de razão, não poderá nem denunciá-los, nem fornecê-los às autoridades quando o solicitam e estão mandatadas para tal. Desde 2016 já existia essa possibilidade para o utilizador, mas era opcional, o que deixa agora de acontecer. A criptografia ponta-a-ponta protege mensagens durante o processo de transferência, com o conteúdo só acessível pelo remetente e pelo destinatário.

Como principal argumento para este apelo pungente, as polícias apontam a quantidade expressiva de ações preventivas de crimes e de detenções realizadas com recurso a estes dados, que não seriam possíveis com a total encriptação de dados ponta-a-ponta. Num comunicado, a

National Crime Agency afirma ter produzido "informações que levaram a 327 detenções, à apreensão de 3,5 toneladas de drogas de classe A, à recuperação de 4,8 milhões de libras, à identificação de 29 ameaças à vida anteriormente desconhecidas e a mais 100 ameaças de danos, entre janeiro e março deste ano". Isto em apenas três meses e num só país.

As polícias consideram que "também prejudicará a capacidade de as autoridades policiais acederem legalmente aos dados no âmbito de investigações para prevenir e processar os crimes mais graves, como o abuso sexual de crianças, o tráfico de seres humanos, o contrabando de droga, o homicídio, a criminalidade económica e o terrorismo".

Por isso, tanto o diretor-geral da NCA, Graeme Biggar, como a diretora executiva da Europol, Catherine de Bolle, salientaram a necessidade de as empresas tecnológicas manterem o acesso legal aos dados por parte das autoridades policiais e garantirem que os seus sistemas operativos, dispositivos e aplicações são seguros desde a conceção. "A encriptação pode ser extremamente benéfica, protegendo os utilizadores de uma série de crimes. No entanto, a implantação brusca e cada vez mais generalizada da cifragem de ponta-a-ponta, sem ter suficientemente em conta a segurança pública, está a colocar os utilizadores em perigo", afirmou Biggar na recente reunião, em Londres.

"Não podem proteger os seus clientes porque já não conseguem ver os comportamentos ilegais nos seus próprios sistemas". Mas, alertou, "o abuso de crianças não para só porque as empresas decidem deixar de o ver".

Equilíbrio entre privacidade e segurança

A questão central desta discussão é esta: "A privacidade e a segurança pública não têm de se excluir mutuamente. É necessário encontrar soluções que garantam ambas. Todos nós temos a responsabilidade de garantir que aqueles que procuram abusar destas plataformas sejam identificados e apanhados, e que as plataformas se tornem mais seguras, e não menos. Não nos podemos deixar cegar pelo crime", admitiu aquele responsável.

Isso mesmo defende também o diretor do Observatório de Segurança Interna, em Portugal, que chama a atenção para "a necessidade crescente que as pessoas sentem de ter segurança e privacidade nas suas comunicações, seja para transações bancárias, seja para mensagens pessoais, até porque toda a sua vida está cada vez mais na internet". Hugo Costeira assume que este "é um equilíbrio necessariamente difícil, porque ao baixar a segurança também podem aumentar outros riscos", como a burla informática, por exemplo.

Mas "o trabalho dos Serviços de Inteligência – nomeadamente para a prevenção e combate ao terrorismo – e da investigação criminal fica mais dificultado", admite aquele especialista. Em todo o caso, Hugo Costeira considera que as autoridades não ficam necessariamente de mãos atadas. "Há sempre a possibilidade de criar escutas ambientais/externas ou, quando possível, comprometer os equipamentos", exemplificou.

"Percebo a preocupação das polícias, mas não se pode impedir as empresas de desenvolverem a sua tecnologia, desde que as autoridades possam ter acesso aos metadados, o que em Portugal não está nada facilitado." E acrescenta que "a razão de se terem criado programas informáticos como o polémico Pegasus, entre outros, foi justamente para quebrar essa inviolabilidade".

1200

Crianças foram protegidas e 800 suspeitos foram presos todos os meses, nos últimos anos no Reino Unido graças às denúncias feitas à polícia pelo Facebook e Instagram.

6500

Criminosos foram detidos em todo o mundo devido ao desmantelamento do sistema de comunicações móveis encriptadas EncroChat.

As *apps* preferidas dos criminosos

Apesar da encriptação de comunicações ser uma realidade com várias décadas, a revelação dos programas de vigilância da Agência de Segurança Nacional norte-americana pelo antigo analista Edward Snowden, em 2013, veio alargar o mercado das aplicações seguras, e obrigou empresas como Apple, Google e Microsoft a responderem às exigências de privacidade de muitos dos seus clientes.

Embora o WhatsApp seja a aplicação mais popular para mensagens encriptadas, está longe de ser a mais usada pelas redes criminosas. O Signal é outra com grande adesão, e existe uma que não deixa qualquer rasto, o ProtonMail, sediado na Suíça, que não presta qualquer tipo de informação e garante confidencialidade, disse ao DN uma fonte policial. Até ao verão passado, a aplicação mais popular na *dark web* era o EncroChat, conhecido como o *WhatsApp dos criminosos*.

O desmantelamento deste sistema de comunicações móveis encriptadas levou já à detenção de mais de 6500 pessoas em todo o mundo, revelou a Europol em comunicado, em junho de 2023. E entre os indivíduos detidos a partir do acesso às comunicações do EncroChat esteve o português Ruben Oliveira, também conhecido como *Xuxas*, considerado o maior traficante de droga nacional.

> *"As nossas casas estão a tornar-se mais perigosas do que as nossas ruas, uma vez que a criminalidade está a deslocar-se para a internet. As empresas tecnológicas têm a responsabilidade social de criar um ambiente mais seguro onde as autoridades policiais e a Justiça possam fazer o seu trabalho".*
> **Catherine de Bolle**
> Directora executiva da Europol

Segundo a Europol referiu na ocasião, o desmantelamento do EncroChat resultou num total de 7 mil anos em penas de prisão, 900 milhões de euros em ativos criminosos congelados ou apreendidos, na prevenção de ataques violentos, tentativas de homicídio, corrupção e transporte de droga em grande escala.

Para se perceber a dimensão foram apreendidos 900 veículos, mil armas, 80 barcos e 40 aviões. Tudo começou na interceção de 115 milhões de conversas de caráter criminoso que envolveram 60 mil utilizadores. A investigação às origens deste sistema começou em 2017, em França, que descobriu que a empresa operava através de servidores baseados naquele país, mas foi com a cooperação judiciária no âmbito Eurojust que prosseguiu.

Os telefones EncroChat custavam à volta de 1000 euros (mais 1500 euros semestrais para cobertura mundial) e eram apresentados com garantia de total encriptação e não-rastreabilidade das comunicações, dispondo também de um PIN especificamente criado para apagar todo o conteúdo do equipamento, caso os utilizadores se vissem na iminência de serem apanhados pelas autoridades.

Responsabilidade social das plataformas

É neste contexto e com este histórico a seu favor que as polícias vêm apelar à responsabilidade social das plataformas. "As nossas casas estão a tornar-se mais perigosas do que as nossas ruas, uma vez que a criminalidade está a deslocar-se para a internet. As empresas tecnológicas têm a responsabilidade social de criar um ambiente mais seguro, onde as autoridades policiais e a Justiça possam fazer o seu trabalho. Se a polícia perder a capacidade de recolher provas, a nossa sociedade não será capaz de proteger as pessoas de se tornarem vítimas de crimes", disse Catherine de Bolle, diretora executiva da Europol na reunião ocorrida este mês.

Nos últimos anos, as denúncias feitas pelas próprias plataformas "contribuíram para que a NCA e a polícia britânica protegessem cerca de 1200 crianças e prendessem cerca de 800 suspeitos todos os meses", diz a agência em comunicado. No entanto, a NCA estima que a grande maioria das denúncias (92% do Facebook e 85% do Instagram) que são atualmente divulgadas à polícia do Reino Unido todos os anos se perderão em resultado desta decisão. Um exemplo seria uma denúncia recente de 200 páginas sobre um caso internacional de extorsão sexual, que identificou várias contas suspeitas que se faziam passar por mulheres para aliciar jovens rapazes no Reino Unido e no estrangeiro a partilharem imagens e vídeos indecentes deles próprios, com o objetivo de os chantagear financeiramente.

Fontes policiais referem ao DN que em Portugal, como noutros países, nem sempre há uma colaboração atempada com as autoridades da parte das plataformas tecnológicas. E, mesmo com decisões judiciais, costuma ser difícil a remoção de imagens ou acusações falsas atentatórias do bom nome, por exemplo, alegam.

Nova Lei dos Metadados

Em novembro de 2022 entrou em vigor um regulamento comunitário que consagra um conjunto de regras para os serviços digitais e para a Inteligência Artificial, o chamado *Digital Act*. Mas, pela extensão das preocupações agora manifestadas pela Europol, ainda não será o necessário para assegurar as garantias de acesso da investigação criminal.

Só em fevereiro deste ano entrou em vigor a nova Lei dos Metadados, que altera a de 2008, e estipula que a conservação dos dados de tráfego e de localização para fins de investigação criminal passa a estar sujeita a autorização judicial por parte do Supremo Tribunal de Justiça e não por outra instância.

Os dados "apenas podem ser objeto de conservação mediante autorização judicial, por parte de uma formação das secções criminais do Supremo Tribunal de Justiça, fundada na necessidade de prosseguir fins que se prendem, exclusivamente, com a investigação, deteção e repressão de crimes graves por partes das autoridades competentes, devendo o pedido de conservação ser decidido no prazo máximo de 72 horas". Na formulação anterior, que o Tribunal Constitucional chumbou, previa-se a conservação indiscriminada, por parte das operadoras de comunicações, dos dados de tráfego e de localização pelo período de três meses, para fins de investigação criminal, independentemente de pedido de autorização judicial. Uma situação que era mais favorável às pretensões das polícias.

O "arrojo" de se comparar a Cavaco, Barroso, Moreira da Silva, Moedas e Gabriel Attal

EUROPEIAS Bugalho encontra semelhanças entre a sua candidatura e o passado político de figuras de topo do PSD e até com o primeiro-ministro francês. A principal? A idade.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

"O jovem que é temido" – no trocadilho de Nuno Melo, por ser "um talentoso do firmamento mediático e político" e que não "é um membro do Governo que despedimos lá atrás [referência a Marta Temido]", nas palavras de provocação de Luís Montenegro ao PS, que vê em Bugalho "arrojo" e "mérito" e até a "coerência" de uma escolha da AD – iguala-se a Cavaco Silva, Durão Barroso, Carlos Moedas, Jorge Moreira da Silva, Gabriel Attal [primeiro-ministro francês] e até com "o dr. Luís Montenegro [que] não pensa pôr os papéis para a reforma, pelo contrário, está a começar o percurso como primeiro-ministro".

Sentindo necessidade de responder aos que consideram a sua idade – 28 anos – uma desvantagem, Sebastião Bugalho lembrou que "o primeiro-ministro francês tem 34 anos, eu [ele] sou só candidato ao Parlamento Europeu"; que foi assim "com um jovem algarvio de Boliqueime, que conseguiu uma bolsa para estudar em Inglaterra e regressou ao seu país – para mais tarde ser primeiro-ministro e Presidente da República"; que "foi assim com um jovem de Almada, que ouviu a Revolução na rádio de madrugada e correu para o cacilheiro, para ver a Liberdade de perto – e mais tarde ser primeiro-ministro e presidente da Comissão Europeia"; que "foi assim com um jovem alentejano de Beja, que foi para Paris estudar graças ao Programa Erasmus, se tornou engenheiro e voltou ao seu país – para mais tarde ser comissário Europeu e presidente de Câmara"; e que foi assim com outro jovem de 28 anos que, em 1999, "se tornou relator do Parlamento Europeu para as Alterações Climáticas, e mais tarde ministro do Ambiente".

E depois, a comparação com Luís Montenegro "que eu [ele] tenha dado conta (...) não pensa pôr os papéis para a reforma, pelo contrário, está a começar o percurso como primeiro-ministro" – e que com 29 anos foi eleito deputado pela primeira vez.

É "em nome desse sonho europeu", e na crença na Europa, que se candidata, mas "mais do que isso": "Eu estou aqui porque acredito na Europa que a democracia portuguesa ajudou a construir desde 1986. (...) Foi sempre aqui, no espaço comum que representamos, que o sonho europeu vibrou e se fez cumprir."

Na sessão de encerramento da *Universidade Europa*, que também serviu para a apresentação formal da lista da AD às eleições europeias, estiveram presentes a maioria dos candidatos efetivos e suplentes da Aliança Democrática, os ministros Paulo Rangel e Pedro Duarte, o secretário-geral do PSD, Hugo Soares, deputados e dirigentes dos dois partidos e um(a) "talismã".

Sebastião Bugalho agradeceu a presença, na primeira fila, da ex-líder do PSD Manuela Ferreira Leite, sublinhando que foi a última presidente social-democrata a vencer umas Europeias, em 2009, [nem Passos Coelho, nem Rui Rio que se seguiram o conseguiram] na primeira vez em que Paulo Rangel foi cabeça de lista – o PSD elegeu nesse ano oito eurodeputados e o PS conseguiu sete lugares. Em 2014, inverteu-se o resultado e em 2019 o PS alargou a distância: elegeu nove e o PS caiu para seis eurodeputados.

"Oxalá [Manuela Ferreira Leite] sirva de talismã para esta candidatura", foi a esperança manifestada.

> Na apresentação formal da lista da AD, Montenegro acusou o Chega de andar de braço dado com partidos que apoiam Putin e de com o PS estarem a criar um Governo alternativo. "Assumam-se", desafiou o PM.

FOTOMONTAGEM DN

A "simulação" entre PS e Chega e a defesa de Putin

Luís Montenegro, no discurso de encerramento, escolheu dois alvos. O desafio foi claro: "Fui fustigado na última campanha para dizer qual a política de alianças que tinha para Portugal e cumpri, nunca ouvi os líderes do PS e do Chega dizerem que iam legislar em conjunto na Assembleia da República, aproveitem esta campanha para deixar isso bem claro."

Montenegro referia-se à aprovação, na semana passada, na generalidade das propostas do PS, BE e PCP sobre o IRS, com a proposta do Governo a acabar por baixar à especialidade sem votação, tal com as do Chega e IL, numa altura em que a sua aprovação parecia estar em causa.

"Se acontecer o que parece ser um sinal da primeira semana, e a ideia do PS e do Chega é simularem uma oposição ao Governo fazendo um Governo alternativo, então vão ter de assumir isso olhos nos olhos dos portugueses", desafiou.

Montenegro afirma que a oposição pode apresentar as suas propostas ou até recomendar alterações aos diplomas do Governo, mas tem "a responsabilidade de não bloquear, nem adulterar" os diplomas do Executivo.

"O PS era contra a nossa proposta, agora copiou-a, aditivando-a. Mas parece que PS e Chega querem aprovar uma descida do IRS no Parlamento diferente da do Governo. Ora, isso é governar, isso é substituir-se ao Governo. Se o PS e o Chega quiserem governar em vez do Governo então têm se de juntar a sério, e é isso que têm de dizer ao país", afirmou.

Montenegro defendeu, por isso, que, dos partidos com maior representatividade, a coligação Aliança Democrática será a única "que não terá problemas de coerência" na campanha das europeias, numa evidente nova crítica aos socialistas e ao Chega.

"O PS vai ter muita dificuldade em dizer por que é que em Portugal aceita ter uma visão de Governo e partilhar o Governo com partidos que não confiam na União Europeia e na NATO", disse.

E também o Chega, afirmou, "vai ter de explicar por que é que anda de braço dado na Europa com par- tidos franceses, italianos, alemães que defendem o regime russo de Putin".

Cavaco "preocupado com o seu umbigo" ataca António Costa por "vingança pessoal"

LIVRO Falando com o DN depois da apresentação d'*Os 10 Mandamento da Política,* o comentador televisivo e analista, Rui Calafate, comentou o passado, presente e futuro dos principais protagonistas políticos nacionais.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Um compêndio "acessível" sobre "histórias pessoais e conselhos apolíticos" que tentam ajudar a "descodificar" e a "compreender a política". É assim que Rui Calafate, comentador televisivo e consultor de Comunicação descreve o seu primeiro livro – *Os 10 Mandamentos da Política*.

Além de referências a séries, filmes e livros, há, ainda, análises a casos concretos. Um "muito bom"? Cavaco Silva. Rui Calafate assume que o antigo Presidente da República não o influencia "em rigorosamente nada". Mas ainda assim é caso de estudo, sobretudo na perspetiva do primeiro mandamento ("Não pareças um político").

"Há 40 anos que está na carreira política a fazer de conta que não é político. Aliás, até criou um mito": ia fazer uma "rodagem do Citroën à Figueira da Foz". O episódio ocorreu em 1985. Cavaco Silva compra um Citroën novo em folha e vai rumo à cidade figueirense, onde decorria um Congresso do PSD. Dizia não querer ser candidato "a coisa nenhuma" quando foi ao congresso, mas acaba por vencer João Salgueiro e tornar-se líder social-democrata. Mas, diz Rui Calafate, a realidade é que "tinha metade do partido a formar o grupo para ele chegar lá e tomar o poder contra o João Salgueiro. E assim aconteceu".

"De longe o político que mais esteve no poder", Cavaco Silva deixou, no entanto, algumas marcas negativas: "Portugal perdeu muito por alguma tacanhez e falta de visão de Aníbal Cavaco Silva quando foi primeiro-ministro. Não era o ouro do Brasil, mas era o dinheiro da União Europeia que foi importante na parte das infraestruturas, na parte do asfalto, mas depois faltou o modelo de desenvolvimento educacional, nomeadamente ao nível tecnológico."

Esse é, aliás, "um dos grandes problemas" do antigo Presidente: "Pouca mundividência. É, e sempre foi, um homem muito preocupado com o seu umbigo." Uma das coisas que mais "custou" a Cavaco, diz o analista, foi o facto de António Costa ter "arranjado uma solução governativa à esquerda; da *geringonça*, tudo o que se ouve de Aníbal Cavaco Silva nestes momentos é sempre a atacar António Costa exatamente por uma questão de vingança pessoal".

Rui Calafate é comentador televisivo e analista político.

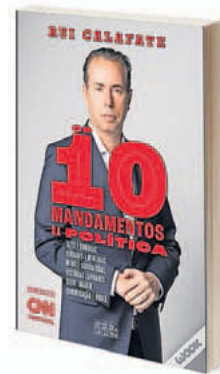
PAULO ALEXANDRINO / GLOBAL IMAGENS

> *"[Cavaco Silva tem] pouca mundividência. É, e sempre foi, um homem muito preocupado com o seu umbigo."*

> *"Marcelo Rebelo de Sousa sabe tudo sobre política. Foi o primeiro grande comentador que saiu para a política, através da reputação. Quando entrou pela notoriedade, perdeu."*

A tecnologia e o político *popstar*

No 9.º mandamento do livro ("Explora a tecnologia"), Rui Calafate recorda uma história pessoal, recuando até ao tempo em que começou a trabalhar como consultor de Comunicação. Alguns clientes perguntaram-lhe então: "Quantos diretores de jornais controla? Pertence a alguma loja maçónica ou ao *Opus Dei*?". Os tempos mudaram e o domínio deve ser outro. "O desafio para o futuro é controlar o algoritmo. É saber manejar todas as ferramentas de Inteligência Artificial, por exemplo", refere.

As redes sociais são um bom exemplo disso. E "os partidos populistas trabalham muito essa área". Por exemplo: "André Ventura, mais do que um líder político, é uma *popstar*." Isto porque o partido tem uma grande expressão no ciberespaço, sobretudo no *TikTok*. A estratégia do partido "é bem feita", explorada "pelo lado mais jovem", que é a deputada Rita Matias, que trabalha "muito bem as redes sociais". "Até já declarações minhas utilizaram e aquilo teve 450 mil visualizações." A tática comunicacional é comum a outros (também recentes historicamente), como o Bloco de Esquerda ou a Iniciativa Liberal.

OS 10 MANDAMENTOS DA POLÍTICA
Rui Calafate
Oficina do Livro
15,21€
208 páginas

Marcelo, o "animal político"

Apesar da maior ou menor apetência para as redes sociais, há no entanto quem não precise delas para ser popular.

Um nome: Marcelo Rebelo de Sousa ("Sabe tudo sobre política. É um animal político") e, depois, tem um "outro lado", de "grande ligação com as pessoas". Para isso teve de trabalhar "na reputação".

"Quando entrou pela notoriedade, perdeu", recorda, numa alusão à corrida autárquica contra Jorge Sampaio, em 1989. O caminho não era o dos "mergulhos no Tejo e do *aikido*" e o agora Presidente da República perdeu as eleições. "Viu que não era esse o caminho", então "chegou à liderança do PSD, com calma e tranquilidade, pela genialidade política que tem". Depois "agarrou naquilo que era o Marcelo professor" e entra no mundo da televisão. "Parecia estar a ensinar às pessoas de forma simpática, entrando-lhes em casa", lembra.

Marcelo foi, aliás, "o primeiro grande comentador que saiu para a política".

Não obstante, há quem faça o caminho inverso: da política para o comentário. António Costa, ex-primeiro ministro, prepara-se para o fazer. A partir de maio, terá um espaço de opinião no novo canal da MediaLivre (ex-Cofina), e também uma coluna no *Correio da Manhã*.

Quer isto dizer que se prepara para regressar à política, nomeadamente a um cargo europeu? "É um magnífico político. Sabe tudo sobre política, como Marcelo. A montanha pariu um rato na acusação da *Operação Influencer*. E com isso Lucília Gago sairá por indecente e má figura. Com isto, os portugueses já estão preparados para que António Costa seja, no futuro, o que quiser. Em Portugal e na Europa. Pode ser tudo aquilo que ele próprio quiser. Na Europa, ganhou um grande prestígio internacional, e pode ser presidente do Conselho Europeu. Julgo é que não sabemos como vai ser o PS do futuro. Não ponho, de parte, que António Costa possa vir a ser líder novamente do PS ou até presidente do Conselho Europeu."

rui.godinho@dn.pt

"A prisão dos presos que não cometeram crimes"

HOMENAGEM A inauguração do Museu Resistência e Liberdade juntou no Forte de Peniche muitas centenas de milhar de pessoas. De todo o país chegaram 37 autocarros com resistentes antifascistas. O DN viajou num deles em dia de homenagem aos presos que passaram por uma das prisões mais duras da ditadura, que alguns quiseram transformar em unidade hoteleira "para ricos".

Entre os 55 passageiros estavam antigos presos que tinha sido vizinhos nas celas de Peniche.

TEXTO **ALEXANDRA TAVARES-TELES** FOTOS **RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS**

De facto, que esplêndido hotel teria dado. Espaço sobre o mar, soalheiro na primavera, a permitir jardins floridos, aconchegado no inverno pelo barulho das ondas na costa acidentada. Terraços privativos com vistas únicas. Um mergulho no bom gosto, exclusivo, para hóspedes escolhidos a dedo. Quem pensou transformar o Forte de Peniche em luxo para turistas sabia o que fazia. Cenário perfeito, para – cereja no topo do bolo – uma lenda romântica. "Há muitos anos, conta-se, um homem chamado António ter-se-á atirado daqui ao mar por amor."

Não é uma lenda, aconteceu. Foi em 1954, mas parece ontem. O homem chamava-se António, António Dias Lourenço, e atirou-se ao mar da última grade, a mais brutal de todas as que foi obrigado a transpor. Por amor, é verdade. Amor a uma ideia para o país dele.

Estudado o movimento dos guardas, provocara um castigo que o levasse ao "segredo", a "cela de castigo", obscura, sem ventilação nem mobiliário, situada no baluarte redondo do forte. Com uma faca que um guarda desatento deixara cair, removeu uma parte da porta. Ao fim de longos dias de trabalho, conseguiu sair do buraco onde o encarceraram. De um cobertor desfiado fez uma corda, lançando-se à água.

Na inauguração do Museu Nacional Resistência e Liberdade, 50 anos depois da libertação dos últimos presos políticos daquela prisão, mais de duas mil pessoas reunidas no forte afirmaram a uma só voz: passem os anos que passarem, sucedam-se quantos séculos forem, haverá sempre quem grite: "Foi ontem, e não voltará a repetir-se."

O avô José, numa visita guiada improvisada, faz junto às celas o relato vívido, realista, "sem choradinho", dos dois anos (1970-1972) que ali viveu. Porém, encostada à parede do estreito corredor, a neta não segura as lágrimas. "Oiço o meu avô contar estes tempos desde criança. Continuo a emocionar-me. De mim, o testemunho passará aos meus filhos, e assim sucessivamente", diz Joana. Tem 24 anos.

A viagem

O autocarro com 55 antifascistas, muitos deles casais, deixou Lisboa cerca das 11.00 da manhã. Alguns dos viajantes foram vizinhos de cela na Prisão de Peniche. Outros, nunca estiveram presos. Mas todos têm uma história para contar dos anos da ditadura.

Ao almoço, tomado a meio caminho, Amílcar Ildefonso, eletricista de 77 anos, e a mulher, Aurora, recordam "a miséria e a fome" que sentiram na pele. "Por isso nos tornámos comunistas."

Nas mesas fala-se daquele tempo. Dos truques para enganar os guardas: mortalhas de cigarros escondidas nas bainhas das camisas que propositadamente se deixavam à mercê de outros presos; pedidos de reforços vitamínicos na esperança de guardar as pequenas serras que acompanhavam as ampolas; a limpeza dos espaços dos guardas, para assim poderem estar mais perto dos portões de saída.

"Começamos por recusar esse trabalho; mas depois percebemos que era um gesto revolucionário", conta um dos presentes. À chegada de um novo preso, a recomendação de sempre: "Tens 24 horas por dia para pensares em como sair daqui."

Para estes homens e mulheres, os presos políticos não fogem: "Cunhal e Dias Lourenço não fugiram. Evadiram-se, para que na clandestinidade pudessem continuar a trabalhar naquilo em que acreditavam".

> Para estes homens e mulheres, os presos políticos não fogem: "Cunhal e Dias Lourenço não fugiram. Evadiram-se, para que na clandestinidade pudessem continuar a trabalhar naquilo em que acreditavam".

Pensa como fugir. Esquece a vida lá fora, ou o perigo de vislumbrar o mar por uma fresta. "Se pensas na família, estás desgraçado", diziam uns aos outros.

Na mesa ao lado, Duarte Nuno toma café. O pai, monárquico, escolheu para os filhos nomes de cabeças coroadas. Descendente de uma família abastada de Torres Vedras, este filho traiu, a alto preço, a sua classe. Esteve preso em Peniche durante cinco anos e meio.

Foi no convívio com operários da fábrica de família que começou a perceber o país em que vivia. Os trabalhadores, na maioria analfabetos, pediam-lhe que lhes lesse os jornais. Começou a "matutar". A não "engolir aquela injustiça. Uns tinham tudo e outros nada". Com 18 anos, saiu de casa. Pediu emprego a um amigo do pai, que de imediato contactou o progenitor. "O meu pai disse-lhe para me colocar nas oficinas, que assim eu voltaria depressa para casa". Engano. Pouco depois, Duarte Nuno era o responsável por uma célula do Partido Comunista Português.

Quando a PIDE reparou nele, escapou para a União Soviética, onde se licenciaria em Ciências Políticas. A clandestinidade, assumida no regresso a Portugal, levou-o a Caxias. Depois de condenado, o destino foi Peniche. "Nunca me arrependi do caminho que fiz". Em Peniche, dono de letra miudinha, deram-lhe a tarefa de escrever nas mortalhas." Eu escrevia, depois um outro teria de lhes dar carinho".

Para cada preso, uma tarefa. "Não fazia ideia do que os outros faziam. Quanto menos soubéssemos, melhor. Um segredo partilhado por três tornava-se muito perigoso."

Hoje, o filho foi ter com ele a Peniche. Levou-lhe os netos. Foi pela mão do avô que duas crianças visitaram agora as celas. "Em cinco anos e meio não recebi uma única pessoa da minha família. Abandonaram-me aqui", diz Duarte Nuno.

A vénia de Marcelo.

O desfile popular, com início às 15.00 horas, é encabeçado por antigos presos políticos, alguns deles membros da União de Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP), partilhando uma faixa onde escreveram uma das palavras de ordem mais gritadas da revolução: "25 de Abril Sempre, Fascismo nunca mais". Acompanhados por uma banda, iniciam a subida para o Forte de Peniche. Marcelo Rebelo de Sousa espera-os. A poucos metros do portão, param. A banda toca *Grândola, Vila Morena*.

Seguem-se vários minutos de "25 de Abril Sempre, Fascismo

O Museu da Resistência e Liberdade foi inaugurado a 27 de abril, no sábado.

Duarte Nuno, esteve preso nesta cela durante cinco anos e meio.

Nunca Mais". De cravo na lapela, rodeado por dezenas de pessoas, é um Marcelo sem protocolo, mais um dos muitos que assistem. Só depois chegam os cumprimentos.

O desfile percorre o passadiço sobre as "cela de água", uma galeria que desemboca na porta do túnel que passa por debaixo da fortaleza, ligando o mar à Prainha de São Pedro. Entra-se no forte ao som do hino do MFA.

O presidente, que tinha visitado as celas durante a cerimónia oficial que ocorrera durante a manhã, dilui-se informalmente nos manifestantes, dando lugar aos protagonistas do dia. Cede o espaço defronte do palco para os convidados. Canta, discreto, o hino nacional, encostado um dos lados do palco, impercetivelmente vigiado pela segurança. Não escapando aos pedidos para que tire umas *selfies*, ouve e aplaude os discursos.

"Esta é a prisão dos presos que não cometeram crime nenhum", diz Herculana Velez, filha de Joaquim Diogo Velez, aprisionado durante 13 anos nos vários cárceres do regime. "Pensem em mim como uma menina", pediu. A menina que ia visitar o pai pela mão da mãe. Quanto mais rigoroso fosse o dia de inverno, mais tempo os guardas levavam a abrir o portão.

> O presidente, que tinha visitado as celas durante a cerimónia oficial que ocorrera durante a manhã, dilui-se informalmente nos manifestantes, dando lugar aos protagonistas do dia. Cede o espaço defronte do palco para os convidados.

Era no parlatório que os presos recebiam os familiares, sempre na presença de guardas. A separá-los, um vidro encaixado entre tramas de arame. "Deixei crescer a unha do dedo mindinho para, através desse pequeno buraco, poder tocar no pequeno dedo da minha filha, ainda criança", conta José Tavares Marcelino.

O historiador António Borges Coelho, num discurso lido por um jovem, presta homenagem ao povo da terra, na figura da mulher que lhe pediu um abraço no dia em que foi libertado desta prisão. José Pedro Soares, dirigente da URAP e um dos últimos presos a deixar o forte, releva a importância da celebração

"Hoje é um dia para erguermos de novo os nossos cravos de abril. (…) Hoje, esta inauguração, representa assim uma importante vitória dos antifascistas portugueses, do povo, e da memória. (…) Por isso, é também o dia e o momento para felicitar todas, e todos, os que sonharam, propuseram e não deixaram que a memória do local fosse alterada, esquecida, que seja branqueado o fascismo e os seus crimes."

Duas mulheres entre 2626 presos

No memorial aos presos que passaram por esta prisão de alta segurança, dois nomes femininos: Maria de Jesus e Teresa Marques. "Há uma terceira, mas não figura aqui", diz-nos Domingos Abrantes. Chamava-se Maria do Outeirinho e seria a cabecilha da revolta.

Nascidas em Souto da Carpalhosa, as três mulheres foram protagonistas da *Revolta do Milho*, corria 1942. O episódio tem início com a notificação de um agricultor da terra – José *Barbeiro* – para entregar uma grande quantidade de milho por um valor substancialmente mais baixo do que o seu real valor de mercado, e está relatado na placa que homenageia as revoltosas, na terra onde nasceram.

Sabendo da intenção, a população impediu que o milho fosse levado, tocando o sino a repique. Só à terceira tentativa as autoridades garantiram o carregamento e o transporte do cereal. Maria de Jesus e Teresa Marques, destacadas do levantamento popular, foram presas, juntamente com cerca de uma dezena de homens das Freguesias de Souto da Carpalhosa, Monte Redondo e Bajouca.

De Maria do Outeirinho não há certezas. Tendo em conta as declarações de uma neta, prestadas em 2019 ao jornal *Região de Leiria*, foi uma das revoltosas. Segundo a neta, a mulher, solteira e com um filho de 13 anos, terá inicialmente conseguido fugir às prisões ocorridas durante a revolta, e andado fugida durante seis meses. Já doente, teria regressado à terra, sendo detida pela PIDE e encarcerada durante alguns meses.

O memorial aos presos políticos do Forte de Peniche, inaugurado em 2019, regista 2626 nomes. Detenções que ocorreram entre 1934 e 1974. A celebração começou com uma homenagem diante do memorial que venceu o hotel "para ricos", nas palavras de José Marcelino.

Democracia e revolução digital junta especialistas em debate

MADRID Há mais de um ano que o FIBE está a preparar a iniciativa. Evento vai reunir personalidades e especialistas do Brasil, Portugal e Espanha, de olho no futuro da democracia.

TEXTO **AMANDA LIMA**

A relação entre a democracia e as transformações tecnológicas serão tema de debate em Madrid esta semana, mas é em Lisboa que o evento nasceu e está a ser organizado. A promoção é do Fórum de Integração Brasil Europa (FIBE), que está a planear a iniciativa há mais de um ano. O objetivo é discutir com especialistas e personalidade como a tecnologia, especialmente a Inteligência Artificial (AI) afeta os Governos e, consequentemente, a democracia dos países.

Com o tema *Transformações: Revolução Digital e Democracia*, será um dia inteiro de discussões com cinco painéis distintos, realizados ao longo de sexta-feira, 3 de maio, na capital espanhola. O evento é a sequência de outros fóruns já realizados em Portugal, que tiveram como tema, por exemplo, a tributação e os indicadores ambientais, sociais e de governação corporativa.

PAULO ALEXANDRINO / GLOBAL IMAGENS

Economista brasileiro José Roberto Afonso é vice-presidente do FIBE, entidade organizadora do fórum.

Desta vez, o FIBE começou pela internacionalização e escolheu Espanha como o primeiro destino. Em entrevista ao DN, José Roberto Afonso, vice-presidente do fórum, destaca que o evento terá os principais assuntos do momento, como as inovações regulatórias no mundo digital, os Direitos Humanos, o funcionamento das instituições de eEstado neste contexto tecnológico e a Inteligência Artificial nas eleições. Para Roberto Afonso, economista brasileiro que vive e leciona em Lisboa há anos, vários acontecimentos atuais estão relacionados com o tema central do fórum, o que também constituirá base para as discussões.

O investigador cita, por exemplo, a regulação das redes sociais no Brasil, com projetos de lei em andamento e a braço-de-ferro entre o bilionário Elon Musk e o Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro.

O momento escolhido para realização do evento também tem a ver com o calendário eleitoral mundial. Só este ano, mais de 2 mil milhões de pessoas foram ou vão a votos, conforme noticiou o Centro para o Progresso Americano. Além das eleições para o Parlamento Europeu em junho, oito das dez nações mais populosas do mundo terão eleições, como o Brasil, Estados Unidos e Índia.

"É o momento de começar o debate pela democracia", diz o vice-presidente que acredita que os processos eleitorais não são iguais aos de antigamente, por estarem influenciados pela tecnologia, as redes sociais e a própria Inteligência Artificial.

No Brasil, assim como noutros países europeus, estão em análise diversos projetos de lei na área tecnológica, especialmente a regulação das redes sociais. A discussão ganhou peso ainda maior depois de factos como o uso de *fake news* nas eleições, o aumento do discurso de ódio *online* e a própria tentativa de golpe no dia 8 de janeiro de 2023, com a invasão da sede dos *Três Poderes* em Brasília.

Ao mesmo tempo, nações como os Estados Unidos e a própria União Europeia (UE) estão a discutir normas para a atuação das gigantes tecnológicas.

José Roberto destaca que as pessoas confirmadas para os painéis são de várias áreas de estudo distintas, mas, de certa forma, interligadas. No campo jurídico, por exemplo, estarão presentes Gilmar Mendes e José Dias Toffoli, juízes do STF brasileiro e Paulo Gonet Branco, atual Procurar-Geral da República (PGR) do Brasil. Toffoli, por exemplo, é o relator do projeto do Marco Civil da Internet no Brasil, enquanto Gonet já foi vice-procurador-geral Eleitoral.

> O evento é uma sequência de outros fóruns já realizados em Portugal, que tiveram como tema, por exemplo, a tributação e os indicadores ambientais, sociais e governação.

Outra presença é de Edilene Lôbo, juíza substituta do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e autora do livro o *Direitos Fundamentais & Inteligência Artificial: reflexões sobre os impactos das decisões automatizadas* também vai participar.

Do setor político, está confirmada a participação de parlamentares que atuam diretamente em projetos relacionados com a transformação digital. É o caso do senador Eduardo Gomes, relator da Comissão Temporária Interna sobre Inteligência Artificial no Brasil , o deputado Lafayette de Andrada, relator da Comissão Especial sobre Direito Digital e Orlando Silva, relator do projeto de lei das *Fake News no Brasil*.

Do lado europeu, o eurodeputado do Iban García del Blanco, que atuou nas negociações da nova lei da IA é um dos confirmados, além da deputada espanhola e engenheira informática Tesh Sidi. Especialistas espanhóis como Jorge Castellanos-Claramunt, autor do livro *Transparencia y explicabilidad de la inteligencia artificial* e Borja Adsuara, relator do Grupo de Peritos da Carta Espanhola dos Direitos Digitais (2021) estão confirmados.

Como o objetivo do fórum é também apontar caminhos e soluções, foram convidados representantes das plataformas digitais. Fernando Gallo, um dos líderes do TikTok no Brasil estará no painel sobre a IA e as eleições.

Google e Meta também receberam o convite, mas, até agora, não confirmaram a presença. O economista espera a participação do Google, por a considerar de grande importância. Na semana passada, a gigante tecnológica decidiu proibir a divulgação de propaganda eleitoral no escrutínio brasileiro deste ano, quando os eleitores vão escolher os autarcas dos municípios.

"O nosso objetivo é não só colocar quem viveu as dificuldades, como por exemplo o procurador eleitoral, mas também o outro lado, quero que eles participem, ouçam as críticas, apresentem lá as suas argumentações, para regulamentar e encontrar bom senso entre todas as partes", explica Afonso.

O evento será Casa de América e entrada é livre. Detalhes podem ser conferidos no *site* do FIBE.

amanda.lima@globalmediagroup.pt

FÓRUM

PROGRAMA

08.30-09.15
Depois da chegada e acreditação, as boas-vindas serão dadas por autoridades de Brasil e Espanha.

09.15-10.30
O primeiro painel tem como tema *Inovações Regulatórias num mundo (mais) digital*.

10.30-11.45
O segundo debate da manhã será sobre *Direitos Humanos Fundamentais na Era Digital*.

11.45-13.00
Revolução Digital: mudando o funcionamento das instituições de Estado é o mote da última conversa antes da pausa para o almoço.

14.15-15.30
Na retoma dos trabalhos, o assunto da mesa será *Inteligência Artificial nas Eleições*.

15.30-16.45
O fórum será encerrado com o painel *Consolidação de uma Democracia 4.0*.

CPLEVENTS / RUIELIAS2024

Matthew B. Dwyer (esq.) e Sebastian Elbaum frente ao CCB. Foi a primeira vez que visitaram Lisboa, cidade que "adoraram", como disseram, mas, ao mesmo tempo, deram como um excelente exemplo de um urbanismo que seria um enorme desafio para um veículo autónomo.

Estamos a "décadas de ter carros autónomos totalmente seguros"

SOFTWARE Professores de informática da Universidade da Virginia criaram modelo para medir objetivamente a preparação da IA automóvel para a condução. Na sua passagem por Lisboa, explicaram ao DN como concluíram que os fabricantes utilizam métodos ineficazes.

TEXTO **RICARDO SIMÕES FERREIRA**

A criação de veículos automóveis verdadeiramente autónomos é "um dos maiores desafios tecnológicos que já existiram". Quem o afirma é Sebastian Elbaum, professor associado de Ciências Informáticas na Universidade da Virginia, nos Estados Unidos. Elbaum e o professor distinguido daquela instituição Matthew B. Dwyer têm estudado, nos últimos anos, os processos informáticos necessários para criar um veículo autónomo (AV, na sigla inglesa), mais seguro do que o conduzido por um ser humano. O resultado do seu trabalho não é nada reconfortante.

"Criámos um modelo [informático] para tentarmos perceber quando é que é possível saber que já fizemos testes suficientes, quando é que já atingimos o nível de confiança suficiente neste tipo de sistemas dos AV para termos a certeza de como eles se comportarão perante todo o tipo de situações", começa por explicar ao DN Matthew B. Dwyer, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

O encontro decorreu durante a 46.ª edição da *International Conference on Software Engineering* (ICSE24), que decorreu em meados deste mês, onde os especialistas apresentaram o seu mais recente trabalho aos seus pares.

O seu último artigo, intitulado *S^3C: Spatial Semantic Scene Coverage for Autonomous Vehicles* e assinado em conjunto com outros dois investigadores, Trey Woodlief e Felipe Toledo, também da Universidade da Virginia, visa (*grosso modo*) descrever como é possível processar em tempo real os dados captados por uma única câmara a bordo de forma a quantificar, tridimensionalmente, o ambiente visionado e, a partir deste, medir de forma objetiva a informação capturada. Isto para: "Até agora os fabricantes utilizam medidas como quilómetros percorridos, etc., que na realidade não dizem muito, porque se estes tiverem sido feitos, por exemplo, em autoestrada, sem cruzamentos ou peões, o sistema pode até funcionar muito bem, mas assim que saia desse ambiente não sabemos como irá reagir", diz Matthew B. Dwyer. "Queremos criar um modelo abstrato matemático dos vários objetos no ambiente e as suas interações."

"Não havia nenhuma maneira de determinar de forma objetiva até que ponto o veículo autónomo tinha já 'visto' o mundo para poder vir a tomar decisões no futuro."

Sebastian Elbaum
Prof. assoc. de Ciências Informáticas na Univ. da Virginia, EUA

"Até agora", complementa Sebastian Elbaum, "não havia nenhuma maneira de determinar de forma objetiva até que ponto o veículo tinha já 'visto' o mundo para poder vir a tomar decisões no futuro. Este [nosso] artigo é um passo nesse sentido – dizer 'espera, ainda não viste a maioria das situações da vida real, ainda só viste as mais comuns.' E, claro, é com as menos comuns que o carro vai ter dificuldades em lidar."

Tesla não divulga dados...

Os especialistas não puderam testar o seu modelo com o popular fabricante Tesla, que tem um sistema avançado de *cruise control* que, por questões de *marketing*, a marca chama *Autopilot* (ainda que não seja um verdadeiro sistema de condução autónoma). A organização de Elon Musk "não divulga publicamente os seus dados de teste", lembra Elbaum.

"Mas há dados disponíveis" de outras marcas automóveis, prossegue o professor de Informática. "E mais de metade tem uma coisa em comum: são cenários simples, de ter um carro à frente, outro à esquerda, outro à direita, ou vindo na direção oposta, esse tipo de combinações."

Ou seja, não há dados de situações complexas, os casos de exceção, os cenários que, como qualquer pessoa que conduz bem sabe são os que podem levar a um acidente. Elbaum interroga-se: "Para treinar estes sistemas, quantas situações dessas seriam precisas? Um milhão? Alguns milhares? Ou talvez seja mesmo preciso explorar todas as combinações de todos esses cenários que hoje ainda nem fazem parte dos dados!"

A conclusão é, assim, inevitável: "Vai ainda demorar muito, uma década pelo menos, ou ainda mais, até haver carros autónomos verdadeiramente seguros, que possam misturar-se com os outros", como diz Matthew B. Dwyer.

AV em ambientes específicos cada vez mais comuns

O que já vemos acontecer – e, naturalmente, é uma tecnologia que irá ficando cada vez mais sofisticada – são as soluções de AV aplicadas em cenários específicos. "Nos Estados Unidos, onde muito do transporte de carga é feita por camião, iremos com certeza ter muitos veículos deste tipo automatizados em breve", afirma Matthew B. Dwyer. O género de percursos que fazem são dos cenários em que a tecnologia da condução autónoma já está razoavelmente treinada.

"Há também casos muito controlados em que [os AV] já estarão prontos a serem seguros, como os *campus* universitários", exemplifica ainda o professor.

Prever o futuro é sempre complicado e, claro, é possível que surja um desenvolvimento inesperado que faça com que este tipo de soluções de mobilidade se tornem mais comuns do que atualmente tudo faz crer. Mas é seguro afirmar que "a transição tecnológica será diferente em diferentes locais – nunca será algo binário: hoje temos uma coisa, amanhã será outra", nas palavras de Sebastian Elbaum.

Dito de outra forma, a realidade dos veículos AV é inevitável e revolucionará a forma como nos deslocamos. Só que, tal como todas as revoluções que perduram, será silenciosa, progressiva e demorará o tempo que naturalmente precisar até estar pronta.

Comer menos pode ajudá-lo a viver mais tempo?

SAÚDE Tanto a restrição calórica, como o jejum intermitente aumentam a longevidade dos animais, dizem os especialistas em envelhecimento. Eis o que isso significa para si.

TEXTO **DANA G. SMITH,** EXCLUSIVO *THE NEW YORK TIMES*

Se colocarmos um rato de laboratório numa dieta, reduzindo a ingestão calórica do animal em 30% a 40%, ele viverá, em média, cerca de 30% mais. A restrição calórica, como é tecnicamente designada a intervenção, não pode ser tão extrema que o animal fique subnutrido, mas deve ser suficientemente agressiva para desencadear algumas alterações biológicas fundamentais.

Os cientistas descobriram este fenómeno pela primeira vez na década de 1930 e nos últimos 90 anos foi reproduzido em espécies que vão desde os vermes aos macacos. Os estudos subsequentes também descobriram que muitos dos animais com restrição calórica tinham menos probabilidades de desenvolverem cancro e outras doenças crónicas relacionadas com o envelhecimento.

Mas apesar de toda a investigação em animais, ainda há muitas incógnitas. Os especialistas ainda estão a debater como funciona e se é o número de calorias consumidas ou o período de tempo em que são ingeridas (também conhecido como jejum intermitente) que é mais importante.

E ainda é frustrantemente incerto se comer menos também pode ajudar as pessoas a viver mais tempo. Os especialistas em envelhecimento são famosos por fazerem experiências com diferentes regimes alimentares, mas os estudos sobre a longevidade são escassos e difíceis de realizar porque demoram muito tempo.

Eis aqui um olhar sobre o que os cientistas aprenderam até agora, principalmente através de estudos seminais em animais, e o que eles acham que isso pode significar para os seres humanos.

Porque é que a redução de calorias aumenta a longevidade?

Os cientistas não sabem exatamente por que é que comer menos faz com que um animal ou uma pessoa viva mais tempo, mas muitas hipóteses têm uma tendência evolutiva.

Na natureza, os animais passam por períodos de abundância e de fome, tal como os nossos antepassados humanos. Por conseguinte, a sua (e possivelmente a nossa) biologia evoluiu para sobreviver e prosperar não só durante as épocas de abundância, mas também durante as épocas de privação.

> Na natureza, os animais passam por períodos de abundância e de fome, tal como os nossos antepassados humanos. Por conseguinte, a sua (e possivelmente a nossa) biologia evoluiu para sobreviver e prosperar não só durante as épocas de abundância, mas também durante as épocas de privação.

Uma teoria é que, a nível celular, a restrição calórica torna os animais mais resistentes a fatores de *stress* físico. Por exemplo, os ratos com restrição calórica têm maior resistência às toxinas e recuperam mais rapidamente de lesões, disse James Nelson, professor de Fisiologia Celular e Integrativa no Centro de Ciências da Saúde da Universidade do Texas em San Antonio.

Outra explicação prende-se com o facto de, tanto nos seres humanos como nos animais, a ingestão de menos calorias abrandar o metabolismo. É possível que "quanto menos o corpo tiver de metabolizar, mais tempo pode viver", disse Kim Huffman, professor associado de Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de Duke, que estudou a restrição calórica em pessoas. "Sabe, basta abrandar as rodas e os pneus vão durar mais tempo."

A restrição calórica também obriga o organismo a recorrer a outras fontes de combustível além da glicose, o que os especialistas em envelhecimento consideram ser benéfico para a saúde metabólica e, em última análise, para a longevidade. Vários investigadores apontaram para um processo conhecido como autofagia, em que o corpo consome as partes defeituosas das células e utiliza-as como energia. Este processo ajuda as células a funcionar melhor e reduz o risco de várias doenças relacionadas com a idade.

De facto, os cientistas pensam que uma das principais razões pelas quais as dietas com restrição calórica fazem com que os ratos vivam mais tempo é o facto de os animais não adoecerem tão cedo, se é que adoecem, sublinhou Richard Miller, professor de Patologia na Universidade de Michigan.

Existem algumas exceções notáveis às conclusões sobre a longevidade e a restrição calórica. O mais impressionante foi um estudo que James Nelson publicou em 2010 sobre ratos geneticamente diversos. Descobriu que alguns dos ratos viviam mais tempo quando comiam menos, mas uma percentagem maior tinha, de facto, um tempo de vida mais curto.

"Isso era algo realmente inédito", frisou James Nelson, observando que a maioria dos artigos sobre restrição calórica começa por dizer: "A restrição alimentar é o meio mais robusto e quase universal de prolongar o tempo de vida nas espécies do reino animal e *blá, blá, blá*".

Outros investigadores contestaram a importância destas conclusões. "As pessoas citam este estudo como se fosse uma prova geral de que a restrição calórica só funciona numa pequena parte ou em alguma parte do tempo", disse Richard Miller. "Mas só se pode chegar a essa conclusão se se ignorar 50 anos de fortes provas publicadas que dizem que funciona quase sempre."

No entanto, o estudo de James Nelson não foi o único que não encontrou um benefício universal de longevidade com a restrição calórica. Por exemplo, dois estudos realizados em macacos durante mais de 20 anos, publicados em 2009 e 2012, apresentaram resultados contraditórios. Os animais em ambas as experiências mostraram alguns benefícios para a saúde associados à restrição calórica, mas apenas um grupo viveu mais tempo e teve taxas mais baixas de doenças relacionadas com a idade, como doenças cardiovasculares e diabetes.

MIKE ELLIS / THE NEW YORK TIMES

O que é que o jejum intermitente tem a ver com isto?

Perante estes resultados díspares, alguns investigadores perguntam-se se não haverá outra variável tão ou mais importante do que o número de calorias que um animal ingere: o período de tempo em que as ingere.

Uma diferença fundamental entre os dois ensaios com macacos foi que no estudo de 2009, realizado na Universidade de Wisconsin, os animais com restrição calórica recebiam apenas uma refeição por dia e os investigadores retiravam os restos de comida ao fim da tarde, pelo que os animais eram obrigados a jejuar durante cerca de 16 horas. No estudo de 2012, realizado pelo Instituto Nacional do Envelhecimento (NIA na sigla em inglês), os animais foram alimentados duas vezes por dia e a comida foi deixada de fora durante a noite. Os macacos de Wisconsin foram os que viveram mais tempo.

Um estudo mais recente, realizado em ratos, testou explicitamente os efeitos da restrição calórica com e sem jejum intermitente. Os cientistas deram aos animais a mesma dieta hipocalórica, mas alguns tiveram acesso aos alimentos durante apenas duas horas, outros durante 12 horas e outro grupo durante 24 horas.

A restrição calórica “não tornou as pessoas mais jovens, mas tornou mais lento o ritmo a que envelhecem”, adiantou Kim Huffman, que trabalhou no ensaio.

Em comparação com um grupo de controlo de ratos que podiam comer uma dieta de calorias completas em qualquer altura, os ratos de baixas calorias com acesso 24 horas por dia viveram 10% mais tempo, enquanto os ratos de baixas calorias que comiam em janelas de tempo específicas tiveram um aumento de 35% no tempo de vida.

Com base neste conjunto de resultados, Rafael de Cabo, um investigador sénior do NIA que ajudou a liderar o estudo com macacos, pensa agora que embora a restrição calórica seja importante para a longevidade, a quantidade de tempo que se passa a comer – e a não comer – todos os dias é igualmente crítica. E este pode ser o caso não só para os animais, mas também para os humanos.

O que é que isto significa para mim?

É difícil responder definitivamente se o jejum intermitente, a restrição calórica ou uma combinação dos dois pode fazer com que as pessoas vivam mais tempo.

“Acho que não temos nenhum indício de que ele estenda o tempo de vida em humanos”, disse James Nelson. Isso não significa que não possa funcionar, acrescentou, mas apenas que a evidência é “muito difícil de obter porque leva uma vida inteira para obter esses dados”.

Um ensaio clínico – denominado *Estudo Calerie* – tentou responder a esta questão examinando como o corte de calorias em 25% durante dois anos afetou uma série de medidas relacionadas com o envelhecimento. Mais de 100 adultos saudáveis foram aconselhados sobre o planeamento de refeições e receberam sessões regulares de aconselhamento para os ajudar a atingir os seus objetivos de dieta. Mas como é muito difícil reduzir as calorias, os participantes só conseguiram reduzir a sua ingestão em cerca de 11%.

Em comparação com os participantes do grupo de controlo, as pessoas que fizeram dieta melhoraram vários aspetos da sua saúde cardiometabólica, incluindo a pressão arterial e a sensibilidade à insulina, e apresentaram níveis mais baixos de alguns marcadores de inflamação.

O estudo também incluiu três medidas de “idade biológica”, comparando análises ao sangue efetuadas no início e no final dos dois anos. Dois dos testes não revelaram qualquer melhoria em nenhum dos grupos, mas o terceiro, que pretende medir a rapidez com que as pessoas envelhecem, mostrou uma diferença entre os que fizeram dieta. A restrição calórica “não tornou as pessoas mais jovens, mas tornou mais lento o ritmo a que envelhecem”, adiantou Kim Huffman, que trabalhou no ensaio.

Para Miller, a conclusão mais significativa deste estudo é que a restrição calórica de 25% a 40%, que se revelou benéfica nos animais, não é realista nas pessoas. “Tudo o que poderia ser feito para tentar ajudá-los” a cortar calorias foi feito para os participantes, disse o professor de Patologia, e eles ainda ficaram aquém do objetivo de 25%.

Rafael de Cabo tem uma opinião diferente: “Com apenas 11% de restrição calórica que foi alcançada pelos participantes, eles ainda mostram benefícios.”

Outra investigação centrou-se nos efeitos a curto prazo do jejum intermitente em pessoas com vários índices de massa corporal. Alguns estudos, que testaram uma variedade de horários de jejum, mostraram uma melhoria da saúde metabólica e uma redução da inflamação. Mas um ensaio com 116 pessoas cujo índice de massa corporal as classificou como tendo excesso de peso ou obesidade não encontrou qualquer benefício entre aqueles que comeram dentro de uma janela de oito horas, mas não reduziram as suas calorias, em comparação com um grupo de controlo.

Mais de 100 adultos saudáveis foram aconselhados sobre o planeamento de refeições e receberam sessões regulares de aconselhamento para os ajudar a atingir os seus objetivos de dieta. Mas como é muito difícil reduzir as calorias, os participantes só conseguiram reduzir a sua ingestão em cerca de 11%.

E para acrescentar uma reviravolta final, existe um conjunto notável de provas que parece contradizer diretamente a ideia de que a restrição calórica ou o jejum, que normalmente leva à perda de peso, prolonga a vida humana.

A investigação conclui consistentemente que as pessoas classificadas como tendo excesso de peso têm um menor risco de morte do que as que têm peso normal ou baixo. Uma hipótese é a de que as pessoas com os índices mais baixos podem ser magras porque são mais velhas ou têm uma doença crónica. Outra é que as pessoas com índices mais elevados têm mais músculo, que pesa mais do que a gordura. Mas também é concebível que, especialmente mais tarde na vida, ter uma maior massa corporal seja realmente protetor, disse Huffman.

Apesar de quase um século de investigação, ainda há um longo caminho a percorrer até que os especialistas possam dizer com certeza se os benefícios da longevidade observados nos animais se traduzirão nos seres humanos.

Alguns estudos fornecem razões para acreditar que a restrição calórica e o jejum intermitente ajudam a viver mais tempo e é provável que haja benefícios a curto prazo, especialmente no que diz respeito à saúde cardíaca e metabólica. Mas também é possível que comer menos não faça muito mais do que deixá-lo com fome.

Este artigo foi originalmente publicado no jornal *The New York Times*

A chuva numa floresta de carvalhos (representada numa pintura de Ivan Ivanovich Shishkin, 1832-1898), ilustra o fenómeno *petricor*.

Da terra molhada emana o "sangue dos deuses"

CIÊNCIA *VINTAGE* Em 1891, um trabalho científico assinado pelo britânico Thomas Phipson detinha-se sobre um fenómeno tão antigo quanto a nossa relação com o ambiente. Todos já experimentámos o odor adocicado e vegetal que emana do solo após uma breve chuvada. Em 1964, o fenómeno ganhou nome: *petricor*, numa alusão ao fluido etéreo que a mitologia grega identificava nas artérias dos deuses.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

Três vezes ao dia, Talos de Creta encetava a ronda à ilha fincada no Mar Mediterrâneo. O gigante talhado em bronze, dotado de asas, protegia o território das investidas marítimas das naus. Talos arremessava rochas aos céus para as ver sucumbir nas águas. A milenar civilização grega blindou com mitos o mundo que a rodeava. Talos, nascido a pedido de Zeus, apresentava um ponto fraco no seu gigantismo alado. Uma única e vital artéria percorria-lhe o corpo, culminando no tornozelo, ali selada por uma cavilha de bronze. Estancava esta o fluido que animava de vida o ente descrito no poema épico do século III a.C., *As Argonáuticas*.

O descendente de um povo de bronze acabaria por sucumbir às visões de imortalidade oferecidas pela terrível e fascinante Medeia. Do rasgo na artéria vital do gigante verteu sem barragem o fluido etéreo, o Icos. Uma exsanguinação que conduziu à morte de Talos.

O Icos, divino, embora venenoso para os mortais, retinha as qualidades da comida e bebida dos imortais. Ambrósia e néctar ofereciam-lhes os atributos superiores.

No século XX, o Icos grego ganharia um novo estatuto. Na década de 1960, uma dupla de cientistas australianos, Isabel Bear e Dick Thomas, contribuíram para a compreensão de um fenómeno químico e olfativo, o cheiro das primeiras chuvas no solo seco. Bear e Thomas não deixaram órfã de nome a sua descoberta. O odor argiloso que anuncia o fim de um período de tempo seco guarda o nome de *petricor*. *Petra*, em alusão a pedra, *Icor*, numa ligação ao sangue divino dos deuses gregos, ao seu fluido etéreo.

Nas últimas décadas, a influência do *petricor* no comportamento humano e animal tem sido detalhada com os contributos da antropologia e da bioquímica. O apelo telúrico a que respondemos quando as primeiras gotas de água tocam no solo arenoso e libertam um delicado odor adocicado e vegetal é tão antigo quanto a experiência humana. Também o é descrito há muito.

A 17 de abril de 1891, um talentoso cientista e violinista britânico, Thomas Lamb Phipson, levou para os seus escritos uma breve nota sobre o fenómeno. Phipson publicou na revista *The Chemical News* o artigo intitulado *Cause of the Odour Emitted by the Soil of a Garden After a Summer Shower* ("A Causa do Odor Emitido Pelo Solo de um Jardim Após uma Chuva de Verão"). No trabalho, o autor sublinhava o seu interesse pelo tema nos 25 anos anteriores e teorizava que o odor se "devia à presença de substâncias orgânicas intimamente relacionadas com óleos essenciais das plantas..." e que essas substâncias consistiam na "...fragrância emitida por milhares de flores, absorvidas pelos poros do solo e só libertadas quando deslocadas pelas chuvas".

Um mês após a publicação do artigo, as notas explicativas de Phipson davam um pulo atlântico e viajavam para as páginas da revista *The Scientific American*.

Na mesma época, o químico gaulês Pierre Eugéne Marcellin procurava a explicação científica para o "sangue dos deuses" que emanava da terra. Em abril de 1891, perante a Academia Francesa de Ciências, o investigador apresentou o trabalho impresso nas páginas da publicação *Comptes Rendus*. Intitulavam a peça as seguintes palavras *Sur l'Odeur Propre de la Terre* ("Sobre o Odor Puro da Terra").

A explicação exata sobre o fenómeno teria de aguardar mais de 70 anos, após o estudo empreendido sob a égide da Organização de Ciência e Pesquisa Industrial da *Commonwealth*, conduzido por Isabel Bear e Dick Thomas e publicado na revista *Nature*, sob a designação *Nature of Argillaceous Odour* ("Natureza do Odor Argiloso").

Em síntese, o *petricor* forma-se a partir de um conjunto de compostos químicos presentes no solo. Na terra, uma espécie de actinobactéria (*Streptomyces*) exerce a sua função de reciclagem e mineralização da matéria orgânica, transformando-a em nutrientes para as plantas. Uma atividade de decomposição que propícia a formação da geosmina (do grego "perfume da terra"), um composto orgânico cujo odor espicaça particularmente o olfato humano. Em certos períodos, a presença de humidade no ar e também no solo acelera a produção de geosmina.

Quando dos céus se soltam as gotas de chuva e o seu inevitável caminho até ao solo há de ocorrer a magia do *petricor*. As gotas de chuva, entre 1 e 3mm de diâmetro, embatem no solo com uma violência só percetível através do olho de câmaras altamente sensíveis. Um impacto no solo que provoca a formação de bolhas de ar, mensageiras das qualidades odoríferas que se encontram na terra.

Ao rebentarem acima do solo, estas bolhas formam gotículas de aerossóis, com micrómetros de diâmetro. Bailantes, as ínfimas gotículas oferecem à atmosfera o odor a *petricor*. Um processo filmado em 2015 por cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachussetts (MIT), nos Estados Unidos, com recurso a uma câmara com capacidade de gravar a alta velocidade. O vídeo disponível *online* sob a pesquisa *Rainfall can Release Aerosols* revela ao olho humano um processo a uma escala microscópica sobre um solo poroso.

A relação entre o *petricor* e os humanos tem merecido a atenção da microbiologia. Keith Chater, microbióloga britânica, a trabalhar no John Innes Centre, estabeleceu a relação entre o comportamento dos camelos em ambiente desértico e a procura de fontes de água. De acordo com a investigadora, os animais, capazes de detetar água num horizonte longínquo, a mais de 80Km, farejam o *petricor* a longas distâncias. Em troca, as bactérias produtoras de geosmina viajam à boleia dos camelos, assim se fazendo veículos para o transporte dos esporos.

Do mundo animal para o humano, a antropóloga Diana Young, da Universidade de Queensland, estudou as tradições aborígenes no deserto ocidental australiano. As chuvas sazonais mesclam os odores adocicados das resinas, das folhas do eucalipto, poeiras e fezes de animais. Um odor que as populações locais associam ao verde e à vida no processo a que a antropóloga chama "sinestesia cultural". Entre as comunidades aborígenes australianas é comum a produção de um perfume natural à base de gorduras animais e vegetais. Um perfume friccionado no corpo numa ligação à terra e à paisagem.

Numa outra latitude, na Índia, o odor a solo molhado há muito que voluteia dentro de recipientes. A perfumaria indiana sintetizou o odor do óleo de sândalo. No Estado de Uttar Pradesh, o *matti ka attar* emana como "perfume da terra".

Urgência Noturna em Lisboa devia ser mais distribuída

OFTALMOLOGIA Responsável da Unidade Local de Saúde do São José defende "mais justiça" na especialidade.

A responsável de Oftalmologia do Hospital São José defendeu que a Urgência Noturna na Região de Lisboa devia ser distribuída por todos os especialistas de "forma harmónica" para evitar injustiças e permitir aos hospitais captar mais profissionais.

"Iria sobretudo promover um enorme sentido de justiça da nossa parte e, sobretudo, a possibilidade dos centros mais centrais", nomeadamente os hospitais de São José e Santa Maria que são os únicos que asseguram a Urgência Noturna de Oftalmologia na Área Metropolitana de Lisboa, serem "mais apelativos" para conseguirem reter especialistas, disse Rita Flores.

Apesar de a Urgência ser "muito importante" na parte assistencial, "não é nada apelativa" para os hospitais conseguirem preencher quadros, requisitar pessoas, criar e reter talentos. "Muitos desses talentos preferem ir para sítios, onde o seu horário, o seu calendário, seja mais simpático", afirmou a diretora do Serviço de Oftalmologia da Unidade Local de Saúde (ULS) São José, Rita Flores, em entrevista à Agência Lusa, a

Rita Flores
Dir. do Serviço de Oftalmologia do Hospital de S. José

propósito da integração, em janeiro, do Instituto Oftalmológico Dr. Gama Pinto nesta ULS.

Rita Flores criticou o facto de apenas Santa Maria e São José contribuírem para a Urgência Metropolitana de Lisboa, numa região que integra "muitos outros hospitais com Serviços de Oftalmologia bem recheados".

No seu entender, "é um problema que merecia uma reflexão do poder político" e uma revisão, que tem sido reclamada, "porque gera um enorme sentimento de injustiça" para quem está nestes hospitais.

DN/LUSA

AGÊNCIA LUSA

Papa preocupado com crise climática

Em Veneza, o Papa Francisco disse estar preocupado com a crise climática e massificação do turismo. O pontífice citou a "a fragilidade dos edifícios e dos seus bens culturais", além da dificuldade em gerir o turismo de forma adequada. As frases arrancaram aplausos das mais de 10 mil pessoas que assistiam à missa na Praça de São Marcos. **DN/LUSA**

Opinião
Paulo Guinote

How soon is now?

When you say it's gonna
happen now
When exactly do you mean?
See, I've already waited too long
And all my hope is gone
The Smiths, 1984

Para não começar com rodeios, passo a citar o programa eleitoral da Aliança Democrática para as eleições legislativas deste ano em relação à recuperação do tempo de serviço docente. Na página 9 pode ler-se que uma das metas é "reconhecer a importância dos professores: recuperar integralmente o tempo de serviço congelado, de forma faseada nos próximos 5 anos (à razão de 20% ao ano)". Não me parece uma passagem obscura, a carecer de uma interpretação especialmente sofisticada, assente numa hermenêutica só acessível a iniciados na matéria.

Mas, como há quem pareça ter algumas dúvidas acerca do assunto, incluindo gente ligada ao partido do anterior Governo, cujo líder repetidamente afirmou que com ele nenhum dos 6 anos, 6 meses e 23 dias seria recuperado, podemos ir ler o Programa do Governo em funções no qual, a páginas 109, se pode ler que se pretende "iniciar a recuperação integral do tempo de serviço perdido dos professores, a ser implementada ao longo da Legislatura, à razão de 20% ao ano". Mais uma vez, a passagem é bem explícita nos seus termos, concordemos com eles ou não: 20% por ano ao longo da legislatura que, a ser cumprida, se estenderá por 5 anos civis (2024-2028).

Isto formaliza as promessas feitas repetidamente por Luís Montenegro, durante a campanha eleitoral, incluindo a de "decidir o tempo de serviço dos professores nos primeiros 60 dias de Governo", conforme declarou em 21 de Janeiro, na Convenção da AD. O que foi confirmado pelo novo ministro da Educação, após a primeira reunião com os sindicatos, quando se mostrou "disponível para negociar a recuperação do tempo de serviço, salientando que a proposta do Governo prevê começar a devolução este ano e os restantes 80% nos próximos quatro anos da legislatura" (notícia da Lusa reproduzida em vários órgãos de informação). Em outra notícia (*Jornal de Negócios*, 18 de abril de 2024), pode ainda ler-se que "a ideia é conseguir devolver a todo o tempo durante a atual legislatura, 'que tem quatro anos e meio', ou seja, 20% seriam devolvidos já este ano e o resto nos quatro anos que ainda fazem parte desta legislatura".

Continuo a achar que nada disto permite duas leituras ou interpretações divergentes dos factos apresentados, pelo que foi com a estranheza, que resulta da descrença na palavra dos políticos que vamos tendo, que ouvi e li o actual ministro das Finanças afirmar, a meio da passada semana que "nenhuma promessa eleitoral feita no programa da AD deixará de ser cumprida", mas que "o resto das medidas inicia-se em 2025, como (…) a reposição do tempo congelado aos professores".

> "[No Programa do Governo] a passagem é bem explícita nos seus termos, concordemos com eles ou não: 20% por ano ao longo da legislatura que, a ser cumprida, se estenderá por 5 anos civis (2024-2028)."

Depois do PS se ter mostrado, de forma repetida, disponível para aprovar um Orçamento Rectificativo que acomodasse os encargos com a revalorização das carreiras da Administração Pública ou a recuperação do tempo de serviço dos professores, é algo estranho que Miranda Sarmento apareça agora com declarações que contrariam, de modo muito evidente, as promessas eleitorais da AD e o próprio Programa do Governo, recentemente aprovado. Porque não há duas formas de entender o que está escrito e foi declarado.

A menos que o truque seja o de atirar a despesa (real ou imaginada) relativa à recuperação do tempo de serviço docente para o Orçamento de 2025, o qual já se percebeu que dificilmente será aprovado, no presente contexto parlamentar. Nesse caso, nada seria recuperado, instalando-se o velho jogo de atirar as culpas de uns para outros. Uns porque não ajudaram a aprovar, os outros porque não fizeram como prometeram.

A ser mesmo assim, estaríamos no domínio da política de muito baixo nível, da artimanha, da mentira, do oportunismo descarado. Só que… foram várias as pessoas que me garantiram que o novo ministro da Educação não é nada disso. Espero que não me tenham enganado.

Professor do Ensino Básico. Escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.

Portugal foi o país do mundo que mais área de vinha perdeu no ano passado

VITIVINICULTURA Perda foi de 11 mil hectares face a 2022 e seguiu a tendência das principais regiões vitícolas, segundo dados da OIV. País é o 10.º maior produtor mundial e o 10.º maior consumidor – em termos *per capita* é mesmo o campeão.

TEXTO **ILIDIA PINTO**

Portugal foi, em 2023, o país que mais área vitícola perdeu. De acordo com os dados divulgados pela Organização Internacional da Vinha e do Vinho (OIV), a tendência de redução da área de vinha no mundo manteve-se, pelo terceiro ano consecutivo, em resultado do arranque nas maiores regiões vitivinícolas. Estima-se que, em 2023, a quebra tenha sido de 0,5% para 7,2 milhões de hectares. São menos 35 mil do que no ano anterior, dos quais 11 mil em Portugal.

Em termos globais, indica a OIV, Portugal teria, em 2023, aproximadamente 182 mil hectares de vinha plantados, contra os 193 mil do ano anterior. Representa uma quebra de 5,8%. Espanha, que tem a maior superfície vitícola do mundo, perdeu 1%, correspondentes a menos 10 mil hectares. França, que tem a segunda maior área de vinha do mundo e que, no ano passado, atribuiu ajudas ao arranque de vinha, designadamente em Bordéus, perdeu 3 mil hectares, correspondentes a uma quebra de 0,4%. No novo mundo vitícola, os EUA mantiveram-se estáveis, a Argentina perdeu 2 mil hectares, menos 1,1%, e o Chile perdeu 5,6% da sua área vitícola, passando de 182 para 172 mil hectares.

"Há sempre abandono de vinha, como há sempre quem invista em novas plantações e quem entre na atividade. Não há aqui um abandono estrutural de vinha, repentino, há sim um sistema de registo a funcionar de forma mais eficiente e que tem vindo a ser atualizado", explica o presidente do Instituto da Vinha e do Vinho (IVV), Bernardo Gouvêa, em comentário aos dados da OIV.

Já o presidente da ViniPortugal, Frederico Falcão, lembra que o país está com um problema de excedentes e as coisas estão muito difíceis para muitos produtores. "É um período crítico e que se reflete quer na venda de propriedades, quer no abandono da atividade e arranque de vinha", refere.

Registo "mais eficiente e atualizado" das vinhas explica a maior parte da redução, diz o IVV.

FÁBIO POÇO / GLOBAL IMAGENS

Menor produção em 60 anos

Na sua análise anual ao setor, a OIV destaca que a produção mundial de vinho foi, no ano passado, a mais baixa desde 1961. Terão sido produzidos cerca de 237 milhões de hectolitros de vinho no mundo, menos 10% do que no ano anterior, fruto de dificuldades relacionadas com eventos climáticos extremos e de doenças na vinha.

Menos vinho, numa altura em que o consumo mundial volta a cair, não é mau de todo, não fosse o facto de Portugal, em contraciclo, ter aumentado a sua produção em 9,8% para 7,5 milhões de hectolitros. Os excedentes continuam a ser um problema para os produtores nacionais.

O presidente do IVV refere que as autoridades portuguesas têm tentado encontrar "medidas excecionais" junto de Bruxelas para ajudar a fazer face aos excedentes, mas reconhece que não tem sido fácil. Por um lado, porque estamos em contraciclo, "estamos um pouco sozinhos nesta matéria". Por outro, já foram feitas três destilações de crise nos últimos quatro anos em Portugal, e como a Comissão Europeia "olha para as destilações de crise como uma intervenção, que vai contra as regras do mercado livre, não está a facilitar esse tipo de medidas novamente".

Qual a solução, então? "Tem de haver um grande apoio à promoção e uma agressividade maior do país em explorar novos mercados e novos segmentos de mercado que consigam absorver grandes volumes", defende Bernardo Gouvêa.

O presidente da ViniPortugal concorda: "É preciso apostar mais em promoção, temos de abrir novos mercados que valorizem os vinhos portugueses e encontrar saídas para ajudar os produtores nacionais."

Consumo em queda

A verdade é que a conjuntura não ajuda. O consumo mundial voltou a cair: 2,6% face a 2022, ano em que já havia sido baixo, diz a OIV. No total, terão sido consumidos, 221 milhões de hectolitros, menos seis milhões do que no ano anterior, fruto das pressões inflacionistas.

> Produção de vinho caiu a nível mundial, mas, em Portugal, cresceu 9,8% o que causa dificuldades a produtores com excedentes ainda de anos anteriores.

E, na Europa, Portugal foi dos países onde o consumo mais caiu: passou de 6,1 milhões para 5,5 milhões de hectolitros, uma quebra de 9,2%, equivalente, em termos relativos, à perda dos Países Baixos, igualmente assinalados pela OIV, em termos de redução nos gastos com vinho. A diferença, refere a própria OIV, é não só ao nível do tamanho do mercado – os Países Baixos passaram de 3,6 para 3,3 milhões de hectolitros –, mas também da realidade do ponto de partida de cada um. É que, embora a perda portuguesa tenha sido grande em 2023, o consumo total ficou, ainda assim, acima da média dos últimos cinco anos.

A quebra de rendimentos das famílias, por via da subida da inflação e das taxas de juro, ajuda a compreender grande parte dessa quebra. "Sente-se na distribuição, sinal de que a carteira dos portugueses está em dificuldades, e sente-se nos restaurante, embora aí o turismo esteja a compensar", diz Frederico Falcão.

E, por isso, Portugal mantém, ainda assim, o título de campeão mundial no consumo *per capita* de vinho, com uma média de 61,7 litros *per capita* (contra os 67,5 litros de 2022), bem longe dos 45,8 litros de França e os 42,1 litros de Itália.

"O nosso consumo *per capita*, na realidade, não é esse. O turismo conta sempre para esse consumo, mas há dois fatores que enviesam a análise: é que o turismo em Portugal tem uma proporção superior face à população, comparativamente com outros países – em 2023 teremos tido 30 milhões de hóspedes –, e os turistas em Portugal consomem muito mais vinho do que nos outros países, porque os nossos preços são muito mais baratos", explica o presidente do IVV, sublinhando que a questão já foi abordada com o INE e com a OIV. "Não conseguimos alterar a fórmula do INE, mas isso não exprime o consumo *per capita* da população portuguesa e é um problema porque dá imensos argumentos ao *lobby* da saúde", frisa.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

FILIPA BERNARDO / GLOBAL IMAGENS

Demonstração de *cloud virtual reality* no *stand* da Huawei, no âmbito do Congresso da APDC em 2019.

Anacom e ERC regressam ao congresso das comunicações

EVENTO As duas entidades reguladoras regressam, com novas lideranças, ao *Digital Business Congress*, promovido pela APDC, após 5 anos de ausências. Congresso é nos próximos dias 14 e 15.

TEXTO **JOSÉ VARELA RODRIGUES**

A Autoridade Nacional de Comunicações (Anacom) e a Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) estão de regresso ao histórico congresso das comunicações da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações (APDC).

O presidente da APDC descarta qualquer questão com estas duas entidades, garantindo ao DN/Dinheiro Vivo que a Anacom e a ERC são "habitualmente" convidadas a participar no *Digital Business Congress*. "Com exceção de um ou outro ano, em que, por razões de agenda ou por razões de programa, não foi possível contar com essa participação, é sempre com muito interesse que fazemos o convite", acrescenta Rogério Carapuça, realçando existirem "as melhores relações" entre a APDC e os dois reguladores.

As duas entidades reguladoras participaram, pela última vez, no congresso em 2019. A edição de 2020 não ocorreu por causa da pandemia de covid-19 e, em 2021, a ERC não participou por uma questão de agendamento.

Já a ausência da Anacom ter-se-á ficado a dever ao leilão do 5G, que ainda decorria nos dias em que o congresso das comunicações se realizava, embora o regulador das comunicações não tenha sido convidado. Refira-se, aliás, que naquela edição também não ocorreu o tradicional painel que reúne os líderes de Altice, NOS e Vodafone.

Em 2022, a ausência das duas autoridades regulatórias foi justificada pela organização com a decisão de "reconfigurar a agenda do congresso" e centrá-la nos operadores e indústria.

No ano seguinte, as duas entidades voltaram a não figurar no programa, embora os temas da regulação tenham sido abordados no evento por governantes e gestores das principais empresas de *media* e de telecomunicações.

O regresso da ERC e da Anacom ao *Digital Business Congress* também levou a APDC a recuperar um formato de participação. Na 33.ª edição do congresso da APDC, Sandra Maximiano, presidente da Anacom, e Carla Martins, vogal do conselho regulador da ERC, serão *keynote speakers* [oradoras principais] nos dois painéis mais importantes do evento, que reúnem, respetivamente, os presidentes dos operadores históricos e os dois maiores grupos de *media*.

> "Queremos discutir a forma como a adoção da IA irá acelerar a transformação digital dos negócios", antecipa o presidente da APDC.

"O modelo que, habitualmente, utilizamos nos nossos congressos é o de ter o líder de cada regulador como *keynote*, imediatamente antes do debate entre os CEO dos *players* do setor das comunicações e dos *media*. É esse também o formato deste ano e tem sido o formato mais usado no passado, com uma ou outra exceção pontual", garante Rogério Carapuça.

Consultando os programas de edições anteriores, é preciso recuar a 2018 para encontrar a última vez que um representante máximo da Anacom ou da ERC falou imediatamente antes dos líderes das principais empresas dos setores que regulam. Naquele ano, a Anacom era liderada por João Cadete de Matos e a ERC por Sebastião Póvoas. Por exemplo, na edição de 2019 – a última em que a Anacom esteve presente –, Cadete de Matos participou no primeiro dia do congresso, na sessão de abertura.

Diferentes fontes do setor admitem que – considerando a relação crispada entre os operadores históricos e a Anacom nos últimos anos, sobretudo por causa do leilão do 5G, que levou a uma elevada litigância – o congresso da APDC, no qual os operadores de telecomunicações são patrocinadores *premium*, passou, a dado momento da liderança de Cadete de Matos (2017-2023), a ser um reflexo do estado das relações entre regulador e empresas reguladas. Por esse motivo, também admitem que o regresso da Anacom ao congresso, agora sob a direção de Sandra Maximiano, confirma uma nova fase na relação entre regulador e *telecoms*.

Também a ERC regressa ao congresso das comunicações com uma nova liderança.

Numa recente entrevista publicada pela revista setorial da APDC, a nova presidente da Anacom revela que tem reunido "toda a gente", de operadores a associações de consumidores. E garante haver "muita recetividade". "Como havia muita tensão, muita falta de diálogo, também havia muita expectativa de tornar este diálogo eficaz."

Sobre a relação entre os operadores e regulador, Rogério Carapuça esclarece que se trata "de uma matéria em que a APDC não intervém". "O papel da APDC é promover a discussão dos temas mais relevantes para o nosso setor, ouvir a opinião de especialistas e promover debates e iniciativas diversas, que contribuam para o desenvolvimento desse mesmo setor", defende o presidente da APDC, notando que, no caso da Anacom, a relação "sempre foi frutuosa", tendo "cada uma das partes participado sempre em eventos organizados pela outra".

A 33.ª edição do *Digital Business Congress* realiza-se nos dias 14 e 15 de maio, em Lisboa, sendo o evento presidido por Arlindo Oliveira, professor catedrático do Instituto Superior Técnico e especialista em Inteligência Artificial. Segundo Rogério Carapuça, a edição deste ano é dedicada "às novas tendências tecnológicas, nomeadamente no campo da Inteligência Artificial (IA) e do impacto que terá nos negócios, em particular, no nosso setor e nos clientes que as nossas empresas servem".

"Queremos discutir a forma como a adoção da IA irá acelerar a transformação digital dos negócios, a produtividade no trabalho ou o recrutamento e formação de talento, entre outros temas", afirma o presidente da APDC, lembrando que o congresso de 2024 coincide com a celebração dos 40 anos de atividade da associação.

jose.rodrigues@dinheirovivo.pt

Agentes da polícia equatoriana invadiram a Embaixada do México, em Quito, para retirar à força Jorge Glas, político da oposição condenado por corrupção, que ali se refugiara.

América Latina em transe com tensões entre vários países

PRESSÕES CONTINENTAIS México e Equador em conflito diplomático. Venezuela e Guiana em disputa territorial. Presidentes de Argentina e Colômbia em discussão pública. Quais as razões? E o que isso significa?

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA,** SÃO PAULO

Um discreto funcionário da Embaixada do México no Equador tornou-se o improvável protagonista do aumento das tensões na América Latina, uma região do globo em transe nos últimos meses: Roberto Canseco foi agredido e derrubado por um grupo de encapuzados que invadiram o local, na noite de sexta-feira, 5 de abril. Os encapuzados eram agentes da polícia equatoriana a cumprir ordens do presidente Daniel Noboa para retirarem à força Jorge Glas, um político de oposição condenado por corrupção, que se refugiara no espaço diplomático mexicano em Quito.

Andrés Manuel López Obrador, presidente do México, apelidou o ato de "invasão" e de "violação" e rompeu relações com o Equador. Outros líderes regionais fizeram coro na condenação. E a Organização dos Estados Americanos (OEA) mostrou solidariedade para com o México por 29 votos a favor e um contra, o do Equador. Noboa falou em "risco de fuga" para justificar a ação policial, sem dar mais detalhes ou apresentar provas.

Glas, que já cumpriu quatro anos de cadeia por envolvimento num escândalo de subornos com a construtora brasileira Odebrecht, tentou suicídio, segundo a advogada, antes de optar por uma greve de fome numa prisão em Guayaquil.

As tensões bilaterais na América Latina estão longe, porém, de terminar aqui. Uma semana depois, Gabriel Boric, presidente do Chile, chamou o embaixador chileno em Caracas para consultas, depois de o ministro dos Negócios Estrangeiros venezuelano dizer que o gangue Tren de Aragua, fundado na Venezuela, era "ficção mediática".

Liderada pelo temido Niño Guerrero, conta com mais de 5000 membros, identificáveis por usarem roupas alusivas à equipa de basquetebol Chicago Bulls. Opera em quase toda a América do Sul, com ênfase no Chile, e mantém aliança com a organização brasileira Comando Vermelho.

> Como é que a América Latina chegou a 2024 no meio de tantas tensões bilaterais? Especialistas ouvidos pelo DN falam em reflexo regional dos conflitos globais.

Meses antes, Javier Milei, presidente da Argentina, chamara a Gustavo Petro, líder colombiano, "assassino comunista" que estava "a afundar" o país, em resposta a declarações de Petro a lamentar a vitória do ultraliberal nas eleições argentinas.

As relações de Buenos Aires com o seu principal parceiro comercial, o Brasil, também não estão perfeitas depois de, em campanha, Milei ter chamado ao hoje seu homólogo Lula da Silva "ladrão". A ministra dos Negócios Estrangeiros argentina, porém, tem trabalhado para diminuir as tensões.

"ESSEQUIBO É NOSSO"

Em dezembro do ano passado, entretanto, a Venezuela organizou um referendo que aprovou a anexação ao país da Região de Essequibo, que representa hoje 75% do território da vizinha Guiana. Essequibo, com 159,500 km² (Portugal tem 92,212), foi atribuído ao Reino Unido em 1899 como herança dos Países Baixos, de acordo com o *Laudo de Paris*, resolução considerada fraudulenta

pela Venezuela. Na época, a Guiana fazia parte do império britânico.

Em 1966, quando o processo de independência das colónias do Reino Unido estava em curso, a diplomacia de Caracas conseguiu que Londres reconhecesse o direito a discutir a posse da região no chamado *Acordo de Genebra*, o que foi lembrado por Nicolás Maduro, líder da Venezuela, após a descoberta, em 2015, de campos vasos de hidrocarbonetos no litoral de Essequibo pela petrolífera Exxon-Mobil que fazem da Guiana o país que mais cresce ao ano na América do Sul.

"Essequibo é nosso", foi dizendo nos últimos meses Maduro, que quer que o tema seja central nas eleições presidenciais venezuelanas marcadas para outubro e, por isso, passou por cima da decisão do Tribunal Internacional de Justiça, em Haia, de proibir o referendo. Observadores internacionais na região ainda temem um conflito, até porque o poderio militar da Venezuela é incomparavelmente superior ao da Guiana, resumido a 3400 agentes da polícia, e Georgetown pediu, por isso, apoio ao Departamento de Estado dos EUA, o que motivou repúdio venezuelano.

Com tantas tensões no subcontinente, a cimeira marcada para os dias seguintes à invasão da embaixada mexicana em Quito da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), organização criada em 2011 em Caracas para servir de alternativa à OEA, fundada em 1948 em Washington sob a influência dos Estados Unidos, era aguardada com muita expectativa. Mas apenas 10 líderes dos 33 países integrantes do organismo compareceram, deixando sem efeito o pedido de Obrador para uma denúncia formal contra Noboa no Tribunal Internacional de Justiça.

A CELAC, aliás, é palco da tensão política na região: os países hoje governados à esquerda apoiam a gestão da presidente hondurenha Xiomara Castro, aqueles sob lideranças de direita acusaram-na de manifestar opiniões pessoais, nomeadamente na guerra Israel-Hamas, em nome do organismo.

ESPELHO DO MUNDO

Como é que a América Latina chegou a 2024 no meio de tantas tensões bilaterais? Especialistas ouvidos pelo DN falam em reflexo regional dos conflitos globais.

"Eu acredito que estas tensões na América Latina refletem o contexto geopolítico internacional na questão das polarizações, dos extremismos, no avanço da extrema-direita que acontece na Europa, nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Índia ou na Indonésia", diz Roberto Georg Uendel, professor de Relações Internacionais da Escola Superior de Propaganda e *Marketing*.

"É um dos efeitos, como dizia o geógrafo brasileiro Milton Santos, da chamada 'globalização perversa', porque os movimentos não são independentes, as ondas de violência, os conflitos internos e as animosidades entre países vizinhos latino-americanos são reflexo do mundo."

"Na região periférica da América Latina, há um pendor mais cosmopolita e outro pendor mais nacionalista, que pode ser de direita ou de esquerda, porque tanto Maduro como [o líder da extrema-direita brasileira] Jair Bolsonaro têm simpatia pelo russo Vladimir Putin, por exemplo", acrescenta Vinícius Vieira, especialista em Relações Internacionais da Fundação Armando Álvares Penteado.

"Os desentendimentos bilaterais na região servem, no campo global, para os líderes dos diversos países indicarem de que lado eles estão e, no campo doméstico, mobilizarem forças", diz ainda. E exemplifica: "Milei ataca Petro porque quer reforçar, como Nayib Bukele em El Salvador, um laço com a internacional-nacionalista de direita, que muitos até chamam de internacional-fascista, para sinalizar a Donald Trump e outros líderes da área que eles estão contra o cosmopolitismo."

AFP

1. O argentino Milei chamou ao colombiano Gustavo Petro "assassino comunista" acusando-o de estar "a afundar" o país.

2. "Essequibo é nosso", tem repetido Maduro, que quer que o tema seja central nas eleições presidenciais venezuelanas marcadas para outubro.

3. Boric chamou o embaixador chileno em Caracas para consultas, depois de o chefe da diplomacia venezuelano dizer que o gangue Tren de Aragua, fundado na Venezuela, era "ficção mediática".

ELEIÇÕES INCENDIÁRIAS

"Além desse pano de fundo que é global", opina Vieira, "temos a questão mais imediata e conjuntural que passa pelas muitas eleições deste ano, onde os candidatos nos diferentes países buscam tirar dividendos das questões globais, como Maduro faz na Venezuela ou Obrador faz no México". "Ao tentar eleger uma sucessora, Obrador reforça a atitude antidireita neste conflito com o Equador que, por sua vez, tendo em conta o pano de fundo global, se sente mais à vontade para tomar atitudes mais nacionalistas à direita", afirma o académico.

"A profusão de eleições pode contribuir para o aumento das questões no subcontinente", concorda Uendel. "Ultimamente, a nível mundial mas mais especificamente na América Latina, temos observado uma polarização muito grande nos pleitos nacionais. Aconteceu no Chile, na Argentina, no Brasil, no Paraguai, no México, no Equador, no Peru, talvez a única exceção seja o Uruguai, que sempre conseguiu ser progressista: vença a esquerda ou a direita, os extremos nunca ganham muito espaço lá."

> Observadores internacionais temem um conflito, até porque o poderio militar da Venezuela é incomparavelmente superior ao da Guiana, resumido a 3400 agentes da polícia, e Georgetown pediu, por isso, apoio ao Departamento de Estado dos EUA.

"Do ponto de vista científico, como já até escrevi, a perspetiva é a região sofrer com esses impactos de uma fragmentação da multilateralidade, em que os países se voltam para questões domésticas e acabam gerando animosidades ou dificultando processos de cooperação internacional", completa.

Víctor Vega, jornalista e consultor de comunicação mexicano, escrevia na revista *Fortuna* a propósito das 13 eleições previstas para este ano no continente, além da norte-americana entre Trump e Joe Biden, que os processos eleitorais iriam decorrer "no meio de um complexo panorama originado em múltiplos fatores locais, regionais e globais, com temas sensíveis na agenda, como a debilidade económica e a volatilidade inflacionária internacional, a crise migratória, da segurança ou do narcotráfico".

"No tabuleiro político-social", continuava o colunista, "observam-se riscos como a hiperpolarização tóxica, a contaminação informativa, a ameaça de radicalização ideológica à esquerda e à direita e a ascensão de regimes autoritários".

OCIDENTE *VS* CHINA-RÚSSIA

Outro fator que Vinícius Vieira observa é a formação de "um grupo ocidental e de outro, digamos, sino-russo". "Como ocorreu na Guerra Fria há forças pró-Ocidente e forças pró-Oriente, o que gera tensões geopolíticas fortes na região que repercutem e gerem embates na política doméstica", explica.

"Entretanto, não são blocos muito bem alinhados: há uma direita na região pró-Ocidente e anti-China, mas que, curiosamente, gosta da Rússia de Putin e outra direita que é pró-mercado, mas de forma tosca, como a Argentina de Milei".

Além disso, "há também uma esquerda na região pró-democracia, mas alinhada com a China e crítica da hipocrisia do Ocidente, como o PT de Lula, no Brasil, e outra esquerda não-democrática, como a de Maduro, na Venezuela".

Dia de decisão para Sánchez: fica no cargo, vai a votos ou demite-se?

ESPANHA O primeiro-ministro espanhol anuncia hoje o que decidiu após cinco dias de reflexão, sendo que todos os cenários estão em cima da mesa apesar das inúmeras demonstrações de apoio.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Desde o momento em que o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, divulgou a *Carta à cidadania*, na qual dava conta da intenção de suspender a agenda para pensar no futuro, que se sabia que a decisão ia ser conhecida hoje. Mas ontem à noite nem os seus aliados mais próximos tinham conhecimento da hora do anúncio – e muito menos daquilo que Sánchez planeia fazer. Apesar de todas as demonstrações de solidariedade e de apoio da parte dos socialistas (e não só), o facto de em causa estar uma questão pessoal deixava todos os cenários em aberto.

Sánchez anunciou na quarta-feira que ia tirar uns dias para "refletir" se valia a pena continuar à frente do Governo espanhol, depois de um tribunal ter aberto uma investigação contra a sua mulher, Begoña Gómez. Em causa está uma denúncia de um coletivo ligado à extrema-direita, o *Manos Limpias*, sob suspeitas de tráfico de influências e corrupção empresarial pelas ligações à Air Europa. O primeiro-ministro nega que a mulher tenha cometido qualquer crime, acusando a direita e a extrema-direita de um "ataque sem precedentes" para o destruir pessoal e politicamente.

Sánchez falou com os seus ministros na quarta-feira, mas depois fechou-se na Moncloa com a família – tendo tido contactos esporádicos com líderes internacionais, como o presidente brasileiro, Lula da Silva, que lhe telefonou a dar o seu apoio. Sem contacto direto com o líder, os socialistas multiplicaram-se em ações de solidariedade para com o primeiro-ministro, pedindo-lhe que fique no cargo.

E o primeiro-ministro poderá decidir fazer isso mesmo depois dos cinco dias de reflexão, sentindo-se apoiado pelas ruas. Ainda ontem, milhares de pessoas estiveram na manifestação *Pelo amor à democracia*, que terminou junto ao Congresso espanhol, sendo que houve outros atos de apoio um pouco por todo o país. Na véspera, a reunião do Comité Federal do partido também se tinha transformado numa demonstração de solidariedade a Sánchez.

Mas está não é a única hipótese em cima da mesa. Apesar de o Ministério Público ter pedido o arquivamento da queixa contra Gómez por considerar que está baseada em notícias falsas e de todo este apoio das ruas, Sánchez pode insistir em demitir-se na expectativa de travar os ataques contra a mulher.

Caso isso aconteça, não poderá contudo marcar eleições de imediato – a Constituição diz que tem que passar um ano desde que as Cortes foram dissolvidas pela última vez, sendo que isso foi a 29 de maio do ano passado. O primeiro-ministro pode contudo esperar um mês para o fazer, apesar de deixar o país ainda mais na incerteza em plena campanha para as eleições catalãs de 12 de maio.

Se decidir simplesmente deixar o cargo, sem convocar eleições, abre a porta a que o rei Felipe VI, após ouvir os partidos, chame outro socialista para que tente a investidura. A pessoa escolhida terá de passar pelo processo de votação no Congresso, sendo que a maioria que elegeu Sánchez está dependente do apoio dos independentistas catalães e bascos.

> Em Bruxelas há quem especule que Sánchez poderá aproveitar para sair do Governo, de olhos postos no cargo de presidente do Conselho Europeu – o mesmo para o qual se fala do nome de António Costa.

Outro cenário é o de uma moção de confiança do Governo, que em princípio passaria já que em causa não está o apoio ao Executivo, mas os ataques que o primeiro-ministro diz virem da direita e da extrema-direita. O líder do Partido Popular (PP), Alberto Núñez Feijóo, tem criticado a postura do chefe do Governo todos os dias. "Diga o que diga Sánchez amanhã [hoje], não importa", afirmou ontem num comício em Lleida para as eleições catalãs, porque já "estará marcado para sempre pela decadência que trouxe ao país. Poderá prolongar mais ou menos a agonia, mas já representa o passado", insistiu.

Depois do anúncio de Sánchez, o Centro de Investigações Sociológicas (CIS) tem previsto divulgar os resultados de uma sondagem rápida que fez sobre estes dias de reflexão do primeiro-ministro. O PP apresentou queixa contra esta sondagem perante as autoridades eleitorais, considerando que em causa está uma espécie de "financiamento ilegal". O partido acusa o CIS, liderado pelo antigo dirigente socialista José Félix Tezanos, de fazer perguntas "absolutamente manipuladas com o objetivo de oferecer uma visão deformada da realidade social" para depois "entregar os dados a Sánchez". Considerando que se "o PSOE quer pressionar o seu secretário-geral com sondagens manipuladas que as paguem".

Em Bruxelas, há quem especule que Sánchez poderá aproveitar para sair do Governo, de olhos no cargo de presidente do Conselho Europeu, substituindo Charles Michel. As suas posições recentes sobre o reconhecimento do Estado da Palestina, que não são consensuais na Europa, podem complicar a sua eventual eleição para o cargo. O ex-primeiro-ministro português, António Costa, também ainda não está totalmente fora do cenário, apesar das suspeitas judiciais que o levaram a deixar o Governo.

susana.f.salvador@dn.pt

JAVIER SORIANO / AFP

Pedro Sánchez pode demitir-se, mas não pode convocar eleições no imediato.

BREVES

Ucrânia admite que situação se deteriorou

O comandante-chefe do Exército ucraniano, Oleksandr Syrskyi, admitiu ontem que a situação na frente de batalha se deteriorou, uma vez que as tropas russas alcançaram "sucessos táticos" em diversos setores. As forças ucranianas, em situação de inferioridade, recuaram para posições a oeste de três localidades na frente leste, onde a Rússia concentrou as suas forças. Syrskyi falava de Berdychi e Semenivka, ambas a norte da cidade de Avdiivka, e Novomykhailivka, mais a sul, perto de Maryinka. "Na tentativa de tomar a iniciativa estratégica e romper a linha da frente, o inimigo concentrou os seus esforços em vários setores, criando assim uma vantagem significativa em termos de forças e meios", explicou. Ainda assim, as tropas ucranianas estão a conseguir "melhorar a sua posição tática" em determinadas áreas.

Biden compara Trump a criança de 6 anos

O humor presidencial é uma dos ingredientes no menu anual do Jantar dos Correspondentes da Casa Branca e Joe Biden não falhou, tendo como alvo o ex-presidente adversário Donald Trump. "Sim, a idade é um tema", disse o presidente norte-americano, referindo-se às eleições de novembro. "Eu sou um homem adulto a concorrer contra uma criança de 6 anos", brincou. E Biden, de 81 anos, não ficou por aí nos ataques ao adversário de 77 anos. "A idade é a única coisa que temos em comum. A minha vice-presidente na realidade apoia-me." Trump respondeu na sua rede social, a Truth Social, dizendo que Biden foi "um desastre". O jantar deste ano ficou marcado por protestos pela situação na Faixa de Gaza à entrada do hotel Washington Hilton, com manifestantes a pedirem aos jornalistas que boicotassem o evento.

ANDY BUCHANAN / STR / AFP

Humza Yousaf sucedeu a Nicola Sturgeon à frente do SNP há pouco mais de um ano.

Chefe do Governo escocês luta pelo futuro político

ESCÓCIA Após quebrar o acordo de coligação com os Verdes, Yousaf enfrenta duas moções de censura. E depende de antiga adversária.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O que há uma semana era apenas tensão na coligação de Governo na Escócia, esta semana poderá obrigar à demissão do líder escocês, Humza Yousaf. Pouco mais de um ano depois de se tornar o primeiro muçulmano a ocupar o cargo, o responsável do Partido Nacional Escocês (SNP, na sigla original) enfrenta duas moções de censura no Parlamento onde não tem a maioria. E está dependente da antiga adversária, Ash Regan, que deixou o partido no ano passado e atualmente é a única deputada do nacionalista Partido Alba, do ex-chefe do Governo Alex Salmond.

Desde 2021 que o SNP (que tem 63 deputados) governava em coligação com os Verdes (sete deputados), garantindo a maioria dos 129 lugares do Parlamento escocês. Mas a relação entre os dois tem vindo a deteriorar-se, atingindo o ponto mais baixo depois de Yousaf ter decidido abandonar um dos seus objetivos climáticos – reduzir em 75% as emissões de gases de efeito de estufa até 2030, admitindo que isso estava "fora do alcance". Os Verdes decidiram então pôr a coligação a votos na sua próxima assembleia, ameaçando deixar o SNP a governar em minoria.

Mas o chefe do Governo escocês, com a sua popularidade em queda, antecipou-se e resolveu rasgar o acordo na passada quinta-feira. "Depois de uma cuidadosa consideração, acredito que daqui para a frente é do melhor interesse do povo da Escócia procurar um acordo diferente", disse. Em resposta, os Verdes anunciaram que iam votar a favor de uma moção de censura apresentada pelo líder dos conservadores escoceses, Douglas Ross.

A moção diz que o Parlamento "não tem confiança no primeiro-ministro, à luz das suas falhas de Governo". Se for aprovada, Yousaf não é obrigado legalmente a demitir-se, mas fica com a sua posição fragilizada. Contudo, uma segunda moção apresentada pelo líder dos trabalhistas escoceses, Anas Sarwar, é diferente, porque diz que o Parlamento "não tem confiança no Governo escocês". Se esta passar, então Yousaf seria obrigado a demitir-se, abrindo um prazo de 28 dias para os deputados escolherem outro chefe de Governo – se isso falhar, terá de haver eleições.

Para sobreviver a ambas as moções, Yousaf precisa do voto de 64 deputados – a líder do Parlamento, Alison Johnstone, só vota em caso de empate e sempre a favor do *statu quo*, ou seja, votará a favor do chefe do Governo. O SNP só tem 63, apesar de ter eleito 64 nas eleições de 2021 (quando ainda era liderado por Nicola Sturgeon). Ash Regan deixou o partido em outubro do ano passado, depois de ter disputado meses antes a liderança dos nacionalistas escoceses contra Yousaf – que, na altura, considerou que a saída não era uma "grande perda".

Regan, sabendo que pode ter o voto decisivo, enviou uma carta a Yousaf com as suas exigências. "A independência para a Escócia, a proteção da dignidade, segurança e os direitos de mulheres e crianças e garantir um Governo competente para o nosso povo e empresas em toda a Escócia continuam a ser as minhas prioridades", disse, sendo que informalmente Salmond teria pedido ao SNP que desistisse de concorrer em alguns círculos eleitorais para garantir a eleição de mais deputados do Alba. Mas isso é algo que Yousaf não está disposto a fazer para garantir o seu cargo.

Ainda não foi marcada a data da discussão das moções, mas a expectativa é que possa ser ainda esta semana. Até lá, o chefe do Governo escocês deverá anunciar, segundo a BBC, uma série de medidas em áreas desde a criação de emprego às alterações climáticas e à melhoria dos serviços públicos, na expectativa de ganhar apoios que o mantenham no cargo.

susana.f.salvador@dn.pt

Abbas apela aos EUA face a iminência de ataque a Rafah

GAZA Hamas divulga vídeo com dois reféns, um deles com família com nacionalidade portuguesa.

O líder da Autoridade Palestiniana acredita que a esperada operação terrestre das Forças de Defesa de Israel (IDF) em Rafah vai ocorrer nos próximos dias e lançou um apelo aos EUA para que ajudem a evitá-la. "Apelamos aos EUA para que peçam a Israel que não continue o ataque de Rafah. A América é o único país capaz de impedir Israel de cometer este crime", disse Mahmud Abbas em Riade.

O porta-voz de Segurança Nacional da Casa Branca, John Kirby, disse à ABC que Israel teria concordado em ouvir as preocupações norte-americanas sobre a operação em Rafah. As IDF anunciaram ontem que os planos para a operação já foram aprovados pela chefia militar israelita.

No sábado, o chefe da diplomacia, Israel Katz, admitiu contudo que esta pode ser suspensa se houver um acordo para a libertação de reféns. Uma delegação do Hamas é esperada hoje no Cairo.

O grupo terrorista divulgou entretanto um vídeo onde mostra dois reféns: um deles é Omri Miran, de 47 anos, cuja mulher e filhas têm dupla nacionalidade israelita e portuguesa. O pai de Omri, Daniel, esteve em Lisboa, em fevereiro. Na altura contou ao DN como deixou de fazer a barba a 7 de outubro, considerando que o filho não deve ter acesso a uma lâmina de barbear e querer mostrar a sua solidariedade. "Como esperava, tem barba. Mas vi outra coisa. Inspecionei cada milímetro do vídeo. E vi que também não está a lavar os dentes", afirmou ontem, citado pelos jornais israelitas, instando o primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, a fazer um acordo para a libertação do filho e dos restantes reféns. **S.S.**

Leão errático evita derrota com bis que veio do frio e estraga adeus a presidente

I LIGA Dois golos de rajada de Gyökeres, perto do fim, empataram um clássico que parecia entregue a um FC Porto que soubera aproveitar os erros estratégicos e individuais do líder da Liga na primeira parte.

TEXTO **NUNO COELHO**

Com um final incrível, o Sporting estragou o jogo que marcou a despedida de Pinto da Costa da presidência do FC Porto. Dois momentos de distração de uma defesa que esteve quase sempre bem, valeram dois golos de rajada a Gyökeres e um empate ao líder e provável Campeão, que só entrou em jogo depois de Rúben Amorim devolver a identidade à sua equipa, depois de ter inovado na equipa inicial. Os erros estratégicos e individuais que mostraram uma equipa errática (em duplo sentido) acabaram corrigidos pela frieza do jogador mais valioso da Liga.

Um dia depois das históricas eleições que colocaram um ponto final no "reinado" de Pinto da Costa – que naturalmente ainda ocupou (sendo muito aplaudido) o lugar na tribuna presidencial, com André Villas-Boas a optar por ver o jogo no seu lugar na bancada, "entre os associados uma última vez", antes de assumir o cargo, apesar do convite para ocupar um lugar de honra –, as duas equipas entraram no relvado com várias alterações em relação aos seus onzes habituais.

No lado do FC Porto, verificou-se o regresso de Diogo Costa à baliza depois de um período afastado por lesão, mas desta vez sem Pepe (nem no banco esteve) à sua frente, sendo a dupla de centrais constituída por Zé Pedro e Otávio. À direita, a grande surpresa, com Martim Fernandes, permitindo assim a Pepê atuar numa posição mais adiantada no apoio a Evanilson.

Já o Sporting apareceu equipado com uma camisola homenageando o ex-capitão Manuel Fernandes por cima do *jersey* preto e sem Gyökeres na equipa titular (Amorim avisara que o sueco estava em dúvida e começou mesmo no banco), sendo Paulinho a escolha inicial para o centro do ataque, ainda assim, a principal surpresa verificou-se mesmo no setor mais recuado, com o técnico leonino a optar por quatro centrais, com Gonçalo Inácio descaído na esquerda para enfrentar Francisco Conceição em vez do mais imprevisível Nuno Santos.

Entrando no relvado separados por 18 pontos, a verdade é que nem parecia que a vantagem estava do lado visitante tal a tremedeira que desde cedo os jogadores leoninos foram evidenciando. O FC Porto manteve o seu espírito, não se inibindo por ter um setor defensivo inédito e sem a sua grande referência. Um primeiro erro de Geny Catamo permitiu a Evanilson arriscar o primeiro remate que Israel agarrou sem problemas. No mesmo minuto (7), porém, o uruguaio falhou com os pés um passe fácil: a bola sobrou para Francisco Conceição, que solicitou Pepê, com este a fazer um túnel a Coates deixando o seu compatriota na cara do guardião contrário e este não perdoou, rematando a contar.

PEDRO CORREIA / GLOBAL IMAGENS

> O Sporting conseguiu o 18.º jogo seguido sem perder na prova e continua a precisar de duas vitórias para garantir o título.

Parecia decidido mas não estava

Os leões tentaram reagir. Pote arriscou de longe, mas a bola acabou nas malhas laterais (9') e Paulinho, de cabeça, desviou sobre a trave na sequência de um canto (16').

Se Amorim esperava mais rigor defensivo, enganou-se redondamente. Diomande continua uma sombra do que já mostrou e foi acumulando erros, Inácio sem rotinas de ala não ajudava nas transições ofensivas e Paulinho, quase sempre longe da baliza, era invisível. Competente na defesa, a sair quase sempre com grande tranquilidade, o FC Porto era dono da partida mesmo sem se aproximar muitas vezes da área adversária. Quando o conseguia, dava *lance* de perigo e o segundo golo acabou por surgir assim, com Martim Fernandes (excelente estreia na Liga aos 18 anos) a solicitar muito bem Pepê na zona central aproveitando uma escorregadela de Hjulmand e este a entrar pelo centro

IVAN DEL VAL / GLOBAL IMAGENS

IVAN DEL VAL / GLOBAL IMAGENS

Gyökeres marcou os dois golos do Sporting no Estádio do Dragão. O presidente do FC Porto eleito no sábado, André Villas-Boas (*em baixo à esq.*), viu o jogo na bancada junto aos adeptos e foi dando autógrafos. O momento em que Pepê fez o 2-0 para o FC Porto (*em baixo à dir.*).

ESTÁDIO DRAGÃO (PORTO)
ÁRBITRO NUNO ALMEIDA (ALGARVE)

FC PORTO	SPORTING
2	2
DIOGO COSTA	ISRAEL
MARTIM (90+2')	ST. JUSTE (50')
ZÉ PEDRO	COATES
OTÁVIO	DIOMANDE (60')
WENDELL	GENY
NICO	HJULMAND
VARELA	DANIEL BRAGANÇA (45')
FRANCISCO CONCEIÇÃO (79')	GONÇALO INÁCIO
PEPÊ	TRINCÃO
GALENO	PAULINHO (60')
EVANILSON (79')	PEDRO GONÇALVES (86')
TREINADOR	**TREINADOR**
SÉRGIO CONCEIÇÃO	RÚBEN AMORIM
SUBSTITUIÇÕES	**SUBSTITUIÇÕES**
ROMÁRIO (79')	GYÖKERES (45')
TAREMI (79')	EDUARDO QUARESMA (50')
NAMASO (90+2')	NUNO SANTOS (60')
	MORITA (60')
	EDWARDS (86')

GOLOS: EVANILSON (7'), PEPÊ (41'), GYÖKERES (87', 88').

CARTÕES AMARELOS: ST. JUSTE (45+2'), WENDELL (76'), GALENO (90'), HJULMAND (90+2').

CARTÃO VERMELHO: EDWARDS (90').

da defesa visitante para bater Israel pela segunda vez com um remate cruzado (41'). E o resultado só não foi mais volumoso ao intervalo porque Francisco Conceição não aproveitou uma defesa incompleta de Israel, optando por um remate sem ângulo quando podia ter dado a Pepê para este encostar já depois de, ao minuto 42, todo o estádio aplaudir o presidente cessante.

Amorim teve mesmo de chamar Gyökeres a jogo, sacrificando Daniel Bragança. Logo no primeiro minuto da segunda parte, St. Juste escapou à expulsão após falta imprudente sobre Galeno (o que levou o técnico a lançar rapidamente Quaresma) e um cruzamento de Conceição voltou a levar o perigo à baliza visitante.

Vendo a equipa sem capacidade de reação, o técnico verde e branco voltou a mexer, com Nuno Santos e Morita a renderem Diomande e Paulinho (60'). Na sua "pele", o Sporting voltou a ficar confortável – até porque o FC Porto já o estava onde mais interessava, no resultado. A verdade é que mesmo tendo mais bola, os leões não conseguiam incomodar em demasia a defesa contrária. Sérgio Conceição começou a gerir a equipa e quando parecia que os três pontos estavam entregues apareceu a frieza de Gyökeres a resgatar um ponto: primeiro dando sequência a um cruzamento perfeito de Nuno Santos (87'), depois desviando à boca da baliza um cruzamento de Edwards, que rendera Pote (88').

O inglês ainda acabaria expulso, mas o Sporting conseguiu o 18.º jogo seguido sem perder na prova e continua a precisar de duas vitórias para garantir o título.

dnot@dn.pt

GLOBAL IMAGENS

FC Porto vence Taça de hóquei

O FC Porto conquistou ontem a Taça de Portugal de hóquei em patins após anular duas desvantagens para vencer o Óquei de Barcelos por 3-2. Rafa, Gonçalo Alves e Ezequiel Mena apontaram os golos da equipa portista, num embate que seguia empatado a 1-1 ao intervalo, enquanto Miguel Rocha *bisou* para os minhotos, que jogavam esta final em casa. Com o triunfo, os dragões reforçaram, assim, o domínio histórico na competição e contam agora 19 troféus, contra 15 do Benfica, segundo do *ranking*, enquanto o Óquei de Barcelos se manteve com quatro títulos na prova.

MotoGP. Bagnaia vence, Miguel 8.º

O piloto português Miguel Oliveira (Aprilia) foi 8.º classificado no Grande Prémio de Espanha de MotoGP, quarta prova da temporada, ganha pelo italiano Francesco Bagnaia (Ducati), Bicampeão em título, que regressou aos triunfos .
O piloto luso concluiu as 25 voltas a 10,979 segundos do vencedor, com o espanhol Marc Márquez (Ducati) e o italiano Marco Bezzecchi (Ducati) a completarem o pódio. Com o triunfo, Bagnaia ascendeu ao 2.º lugar do campeonato, a 17 pontos do líder, Jorge Martín, que ontem caiu. Oliveira subiu a 13.º no Mundial, com 23 pontos.

EPA/JOSE MANUEL VIDAL

EPA/ANDY RAIN

Arsenal vence dérbi londrino

O Arsenal resiste na liderança, à condição, da *Premier League*, após a vitória no terreno do rival Tottenham (3-2), num dérbi londrino que os *gunners* pareciam ter resolvido cedo, mas viram complicar-se nos minutos finais. O Arsenal chegou a uma vantagem de 3-0, com golos do dinamarquês Hojbjerg, na própria baliza, de Saka e do alemão Havertz, mas acabou a sofrer, após Romero e Son terem reduzido para o Tottenham. A equipa de Arteta tem um ponto (e um jogo) mais do que o Manchester City, que ontem venceu no terreno do Nottingham Forest, de Nuno Espírito Santo, por 2-0.

Novo ciclo. As prioridades de Villas-Boas com tomada de posse apontada para 12 de maio

FC PORTO Pinto da Costa felicitou AVB ontem de manhã e convidou-o para ver o clássico na tribuna presidencial, mas o novo líder recusou para ficar junto dos sócios. Objetivo é "conquistar títulos" e "preparar um clube sustentável financeiramente".

TEXTO **NUNO FERNANDES**

PEDRO CORREIA / GLOBAL IMAGENS

Villas-Boas não escondeu a euforia na noite em que foi eleito presidente do FC Porto com mais de 80% dos votos.

André Villas-Boas vai tomar posse como presidente do FC Porto previsivelmente a 12 de maio, dia do jogo com o Boavista, no Dragão, e pretende começar o mais rapidamente possível, com a sua equipa, a conhecer em profundidade os vários dossiês para ter real noção da realidade financeira do clube, que tem um passivo superior a 500 milhões de euros.

"O futuro começa hoje! Viva o Futebol Clube do Porto!", escreveu ontem AVB nas redes sociais na primeira reação pós noite eleitoral, falando numa "noite histórica", agradecendo aos sócios e traçando o caminho: "Espero corresponder às vossas exigências: ganhar, conquistar títulos, preparar um novo ciclo de vitórias e um clube sustentável financeiramente."

Entre as situações com maior caráter de urgência estão a situação contratual de Sérgio Conceição, a verdadeira dimensão da questão do *fair play* financeiro da UEFA, a Academia da Maia e o acordo assinado recentemente entre a SAD e a Ithaka para exploração comercial do Estádio do Dragão.

A questão de Sérgio Conceição é complexa e sensível, até porque o treinador nunca escondeu a sua enorme ligação (até em termos de amizade) a Pinto da Costa. O técnico chegou a assinar um acordo de renovação válido por quatro temporadas em vésperas das eleições, mas que pode ser rasgado e sem custos. Por isso o novo líder portista pretende reunir-se em breve com Conceição para tentar perceber o seu sentimento, se está disponível para ficar e em que condições, embora a duração do contrato possa ser negociada. Para já, como assegurou o novo líder dos dragões, não existe outro treinador.

Outro tema entre as prioridades do novo presidente é entender a verdadeira extensão do problema em torno do *fair play* financeiro da UEFA. A anterior direção presidida por Pinto da Costa sempre desvalorizou o assunto, mas Villas-Boas desconfia que está a caminho uma pesada multa e que as consequências futuras podem ser maiores caso o clube não cumpra todos os requisitos financeiros.

Outra questão pendente é o recente acordo assinado pela direção de Pinto da Costa e a sociedade de investimento Ithaka, que passa pela injeção de 65 milhões de euros em troca da exploração das receitas do Estádio do Dragão nos próximos 25 anos e, ainda, pela contratação de um financiamento de 250 milhões de euros com custos mais baixos. Algo que, durante a campanha, Villas-Boas colocou em causa, aludindo que os direitos de exploração valem muito mais, sendo intenção da nova direção realizar uma revisão completa das obrigações de dívida existentes, incluindo taxas de juros, prazos de pagamento e passivo geral, para se darem início a negociações com credores.

Há ainda a questão da Academia da Maia. Os dois candidatos tinham projetos diferentes para o futuro centro de estágio do FC Porto. O de Pinto da Costa, que foi colocado em velocidade de cruzeiro no último mês, com pagamentos e assinaturas de contrato, contempla um complexo desportivo na Maia.

Villas-Boas tinha outro planos e pretendia um Centro de Alto Rendimento no Olival, em Vila Nova de Gaia, onde os azuis e brancos têm atualmente o seu centro de estágios. Nos últimos dias de campanha, contudo, AVB manifestou a possibilidade de a academia continuar na Maia: "Olharei para os contratos da Maia e estabelecerei a melhor decisão para o FC Porto."

A relação com Pinto da Costa

André Villas-Boas venceu na noite de sábado as eleições para a presidência do FC Porto com 80,28% (21.489 votos), colocando assim um ponto final numa gerência de 42 anos e 15 mandatos consecutivos de Pinto da Costa.

> A vitória de AVB é incontestável e mostra a vontade de mudança dos sócios: obteve 80,28% dos votos contra os 19,52% de Pinto da Costa.

No ato eleitoral mais participado de sempre do clube, o ex-treinador (lista B) destronou o líder azul e branco (A), que contabilizou 5.224 votos (19,52%), ao passo que o empresário e professor Nuno Lobo (C) revalidou a condição de terceiro e último mais votado alcançada em 2020, ao somar 53 (0,2%).

Numa reação ontem, à saída de sua casa, Villas-Boas confirmou que recebeu de manhã um telefonema de Pinto da Costa a felicitá-lo pela eleição e a convidá-lo para assistir ao clássico na tribuna presidencial, convite que recusou.

"Nesta fase faz mais sentido estar próximo dos associados [nas bancadas], pelo menos uma última vez. Agradeci o convite, por me ter parabenizado, uma mensagem de força de que estamos unidos. Foi uma atitude de elevação e carinho por parte do senhor presidente e agradeci de igual forma pelo carinho que tenho por ele", afirmou.

A campanha eleitoral nem sempre foi elevada e ficou marcada por ataques entre as duas candidaturas. Certo é que AVB, no discurso de vitória, mesmo falando de um "FC Porto livre de novo", deixou expressa a intenção de a saída de cena de Pinto da Costa ser feita com a maior das elevações: "Está na altura de fazer uma boa e grande despedida ao senhor presidente Pinto da Costa, por tudo o que ele fez pelo FC Porto. Se ele assim o entender, claro. Portanto, de mim contará sempre com o meu respeito e com a minha amizade. Iremos sempre tratá-lo com com a elevação e a dignidade que ele merece."

Pinto da Costa, que de acordo com os estatutos pode manter-se no Conselho Superior do FC Porto caso assim o deseje, deixa um enorme legado e mais de 1300 títulos contabilizando todas as modalidades. No futebol destacam-se duas Taças/Ligas dos Campeões (1987 e 2004), uma Taça UEFA (2003), uma Liga Europa (2011), com Villas-Boas no banco, uma Supertaça Europeia (1987) e em 1987 e 2004 a Taça Intercontinental. Campeonatos Nacionais foram 23, o último em 2021-22.

Esta época o FC Porto ainda pode conquistar a Taça de Portugal – vai jogar a final contra o Sporting.

nuno.fernandes@dn.pt

André Gide A outra montanha mágica

ROMANCE *Os Moedeiros Falsos*, de André Gide, cuja primeira edição surgiu em 1925, volta a estar disponível em tradução portuguesa: a visão crítica do espaço familiar e da vida social, a par da ousadia da sua estrutura narrativa, fazem com que integre a lista dos grandes romances do século XX.

TEXTO **JOÃO LOPES**

Retrato de André Gide, pintado por Paul Albert Laurens em 1924.

Eis uma boa notícia, mais do que isso, um verdadeiro acontecimento: *Os Moedeiros Falsos* está de volta ao mercado português (ed. Bertrand, tradução de Isabel St. Aubyn). Por vezes citado como o único romance do francês André Gide (1869-1951) — em boa verdade, tal classificação foi apadrinhada pelo próprio autor —, o certo é que pertence a uma bibliografia imensa, pontuada pelas mais variadas pulsões romanescas, não poucas vezes contaminada por elementos com ressonâncias autobiográficas. Aliás, *Os Moedeiros Falsos*, justamente, desenha uma trama de relações que ecoa a homossexualidade do autor, sendo também, por vezes, encarado como um marco da literatura *queer*.

Ainda que possamos reconhecer alguma pertinência simbólica a tais rótulos e alusões, será bom não cedermos aos valores, ou à falta deles, com que uma certa cultura mediática dos nossos dias encerra os livros (e também os filmes) num determinismo "temático" que dispensa qualquer contextualização. Importa, por isso, lembrar que estamos perante um romance à beira de completar um século: a 1.ª edição de *Os Moedeiros Falsos* (*Les faux-monnayeurs*) surgiu em 1925, com a chancela NRF, da Gallimard.

A complexidade desses tempos não pode ser diluída nos lugares-comuns do nosso presente. Para nos ficarmos pelos títulos mais emblemáticos de 1925, valerá a pena referir que no mesmo ano surgiram *O Processo*, de Franz Kafka, *Manhattan Transfer*, de John Dos Passos, *Mrs Dalloway*, de Virginia Woolf, e *O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, sem esquecer *Poemas de Deus e do Diabo*, de José Régio.

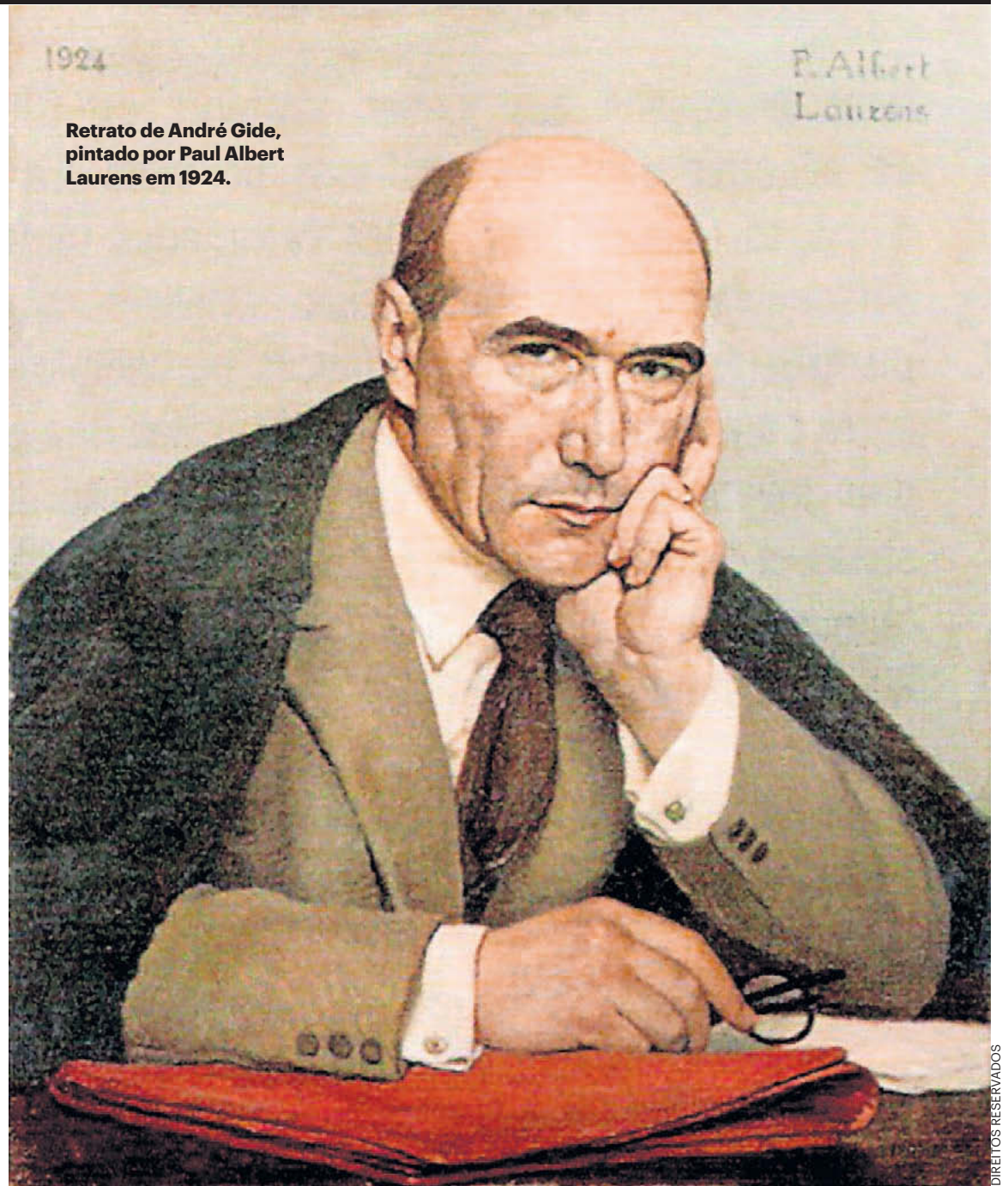
Os traumas herdados da Grande Guerra contaminavam muitas formas de escrita com a urgência de personagens atípicas, inusitadas articulações dramáticas, enfim, novas narrativas. Tudo isso a par de curiosas rimas cinematográficas: são também de 1925 filmes como *A Quimera do Ouro*, de Charles Chaplin, e *O Couraçado Potemkine*, de Sergei M. Eisenstein.

A Arte da Fuga

Talvez possamos resumir, ou melhor, sugerir a fascinante complexidade de *Os Moedeiros Falsos* a partir de uma pergunta clássica. A saber: como construir um romance?

A pergunta, bem entendido, aplica-se à gestação de qualquer obra romanesca minimamente consistente. Neste caso, acontece que ela é interior ao próprio romance: a personagem do tio Édouard está a tentar escrever um romance que terá como título… *Os Moedeiros Falsos*.

Não propriamente um duplo de Gide, Édouard surge-nos como "emissário" do autor, confrontando-se (e confrontando-nos) com a decisão (ou a indecisão) de a escrita se submeter aos estímulos que recebe da realidade em que habita: "A bem dizer, será esse o tema: a luta entre os factos apresentados e a realidade ideal." De tal modo que Édouard se atreve a evocar, porventura invocando, a inspiração de Bach: "O que gostaria de fazer, compreendam-me bem, é algo como *A Arte da Fuga*. E não vejo por que, tendo sido possível em música, não possa sê-lo em literatura…"

Édouard define um trio central com Bernard Profitendieu e Olivier Molinier, estudantes, ambos numa relação crítica com os padrões que, de acordo com as lógicas familiar e social, devem assumir: Bernard afasta-se mesmo da família, depois de descobrir que nasceu de uma relação adúltera da mãe, e começa a trabalhar como secretário de Édouard; Olivier, sobrinho de Édouard, vive a sua paixão pelo tio como um turbilhão de desejos desencontrados, a ponto de se envolver com o sinistro conde de Passavant, afinal o agente principal dessa simulação de valores que o título de Gide condensa.

Enfim, Édouard acaba por pontuar a escrita de Gide como a consciência ambígua da moeda falsa que circula entre os humanos, tanto em sentido literal, como no plano metafórico. No seu diário, encontramos frases como esta: "Debruço-me vertiginosamente sobre as possibilidades de cada ser e choro tudo o que a capa dos costumes atrofia."

OS MOEDEIROS FALSOS
André Gide
Bertrand Editora
344 páginas

O tempo que passa

A certa altura, o autor arrisca julgar as suas personagens. Que autor? Gide? Édouard? A simples possibilidade de formular esta dúvida reforça a dimensão ética da construção de *Os Moedeiros Falsos*. No limite, trata-se de saber como encaramos a verdade e a mentira: "Mentir aos outros ainda é aceitável, mas a si mesmo!"

Para lá de Bernard, Olivier e Édouard, Gide elabora um labirinto de personagens e ações que propõe um fresco da sociedade francesa da época através de um *puzzle* que ninguém controla. Mesmo evitando revelar mais do que seria razoável, quem poderia supor, a meio do romance, a importância que o frágil Boris vai adquirir no seu desenlace?

Não há "intriga" linear, antes uma permanente deslocação de acontecimentos e energias que faz com que as mais de duas dezenas de personagens secundárias que povoam *Os Moedeiros Falsos* em algum momento nos pareçam, e apareçam, como genuinamente principais. Cada ser humano, incluindo o autor ou autores do romance, surge, assim, como peça vital das alegrias breves e tragédias suspensas de todo um coletivo — por alguma razão, este é um livro frequentemente citado como inspirador de diversas convulsões narrativas das décadas seguintes, incluindo o *Nouveau Roman*.

Entre os que, há quase 100 anos, celebraram o aparecimento de *Os Moedeiros Falsos*, deparamos com Thomas Mann (1875-1955), ele que em 1924 lançara *A Montanha Mágica*, outro monumento da literatura do século XX — ambos são citados na lista dos 100 Livros do Século XX proposta pelo jornal *Le Monde* em 1999; Mann recebeu o Nobel em 1929, Gide em 1947. Para lá das diferentes raízes, visões e valores que encontramos nos dois romances, Gide e Mann refletem sobre o tempo e a sua cruel transparência. "O tempo é o elemento da narração, como é o elemento da vida", escreve Mann a certa altura — poderia ser uma epígrafe para o romance de Gide.

dnot@dn.pt

Outsiders: a família segundo o cinema independente americano

MOSTRA Iniciativa da FLAD, o ciclo *Outsiders* está de regresso ao Cinema São Jorge, em Lisboa, para uma 3.ª edição centrada no tema da(s) família(s) americana(s). A partir de amanhã, e até 5 de maio, imagens de uma cinematografia independente vão dar prova da sua vitalidade.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Porventura um dos temas mais transversais do cinema, mas também aquele que produz as mais diversas representações, a família é o conceito-chave da nova edição do *Outsiders*, ciclo organizado pela FLAD – Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, que nos últimos anos tem trazido ao Cinema São Jorge uma janela indiscreta para uma certa linhagem de filmes: aqueles que escapam à imediata lógica comercial. O que não significa tratar-se de um cinema pouco dado à relação com o grande público. Pelo contrário, a partir de amanhã, a responder à pergunta "O que é, hoje, a família americana?", a mostra *Outsiders* vem dar conta do que andamos a perder no lado marginal do cinema americano, acabando por revelar, mais uma vez, que a distância entre a grande máquina de Hollywood e os independentes não é assim tão grande, nem tão rígida. Ou não fosse a protagonista do filme de abertura Lily Gladstone, atriz recentemente nomeada para um Óscar, pelo filme de Martin Scorsese, *Assassinos da Lua das Flores*.

À conversa com o programador do *Outsiders*, Carlos Nogueira, fizemos notar que, desde a 1.ª edição, no final de 2021, o ciclo manteve um diálogo espirituoso com os Óscares, fosse porque nomes como Chloé Zhao e Greta Gerwig surgissem entre outros completamente desconhecidos, ou porque a 2.ª edição tenha refletido sobre os géneros cinematográficos, numa celebração da linguagem e dos atores que habitam os dois mundos. Foi de propósito?

"Sendo a ideia do ciclo mostrar aquele cinema que está fora do radar – e mostrá-lo porque merece ser visto, apesar desse ostracismo a que é votado – a relação com os Óscares é puramente acidental, mas não deixa de ser curiosa. O melhor exemplo é que, quando selecionei a Chloé Zhao na 1.ª edição, ainda não havia *Nomadland* [Óscar de Melhor Filme em 2021], porque essa seleção foi feita em 2019, altura em que eu já tinha visto o *The Rider* [filme exibido no ciclo] e percebi que não estava no horizonte da distribuição em Portugal. Só depois disso apareceu o *Nomadland* no *Festival de Veneza*, em 2020, etc. Portanto, quando mostrámos *The Rider*, já ela estava consagrada e tinha feito um filme da Marvel, *Eternals*."

Este ano repete-se então a graça de trazer ao *Outsiders*, logo no seu arranque, um filme que nos dá a conhecer Lily Gladstone antes da nomeação para o Óscar – ou melhor, um filme que não vem demonstrar qualquer mudança de perfil, mas sim trazer à evidência a nobreza serena desta atriz nativa americana, que não precisa de muito para deixar a sua marca.

Algo que o programador faz questão de sublinhar: "Eu, antes, só a tinha visto no *Certain Women* [de Kelly Reichardt], um papel de que gostei imenso, e que é reduzidíssimo em termos de falas, muito à base do silêncio e dos olhares – li algures que o Scorsese a escolheu graças a esse filme. E depois, no filme do Scorsese, é de novo uma personagem bastante... não espetacular, digamos, como o DiCaprio e o De Niro são. É uma atriz notável, e este filme que vamos passar comprova isso mesmo."

O filme chama-se *The Unknown Country*, é realizado por Morrisa Maltz, e funciona como uma verdadeira crónica da face de uma certa América, na medida em que a sua personagem principal, que se faz à estrada para ir a um casamento, quando ainda está a lidar com a perda da avó, se converte num espelho para a alma das pessoas com quem se cruza: usando um dispositivo "documental", Maltz vai focando histórias humanas diversas que revelam a bondade dos estranhos. Isto a par da magnífica solidão da protagonista.

Logo neste início do ciclo o luto está muito presente, havendo outros filmes que o exploram com semelhante delicadeza. É o caso de *Driveways*, de Andrew Ahn, um belo conto de subúrbio sobre uma mãe solteira (Hong Chau), que, após a morte da irmã, terá de tratar do assunto da casa que herdou, enquanto o filho pequeno faz amizade com o veterano da porta ao lado (um maravilhoso e vetusto Brian Dennehy); e também de *The Grief of Others*, um dos dois filmes de Patrick Wang neste *Outsiders* (e já lá vamos...), que mergulha numa tragédia familiar, resgatando a luz interior das personagens num processo de pintura emocional com mão de mestre.

Para além destes, Carlos Nogueira identifica outros: "Há ainda o *Birth/Rebirth*, que gira à volta da morte de uma criança – lá está, do luto –, sendo um filme supostamente de terror; o *Land Ho!*, que é ultradivertido, mas é também a história de dois ex-cunhados que se juntam para fazer uma espécie de luto dos respetivos casamentos; o documentário *Bloody Nose, Empty Pockets*, que fala do luto em relação a um bar... Enfim, essa observação é de facto interessante, porque, se formos a ver, o luto faz parte da própria ideia de família. Isto é, a relação familiar envolve o luto necessariamente, seja o luto literal, da morte de um

The Grief of Others, **um dos dois filmes do convidado Patrick Wang. A descobrir.**

A *Thousand and One*, o "grande filme" de encerramento.

Lily Gladstone em *The Unknown Country*, o rosto conhecido deste *Outsiders*.

parente, sejam outras manifestações dele, como o crescimento – o chamado "matar os pais". Não tinha pensado nisso, mas é verdade."

No seu terceiro ano, o ciclo que traz ao São Jorge uma sólida dúzia de títulos, permitindo ao espectador ver todos os filmes, se assim o desejar – "porque não há sessões sobrepostas, ao contrário das situações gigantescas dos festivais com 300 filmes", como refere o programador –, já consegue ir dando ao público uma experiência de continuidade. Quer dizer, há nomes que vêm das edições anteriores (Aaron Katz, correalizador de *Land Ho!*, Bill Ross IV e Turner Ross, a dupla por trás de *Bloody Nose, Empty Pockets*, e Patrick Wang), ajudando a cimentar uma, vá lá, familiaridade com o cinema independente americano.

Patrick Wang, uma descoberta fascinante

Foi no primeiro *Outsiders* que tivemos, precisamente, o primeiro contacto com o trabalho de Patrick Wang, através do belíssimo *In the Family*, sem dúvida um filme que lançava a curiosidade sobre este realizador americano descendente de taiwaneses. Pois bem, ele é o convidado deste ano, marcando presença em Lisboa para uma *masterclass* na Faculdade de Belas-Artes, e para apresentar outros dois filmes, que por certo confirmam o feitiço lançado por *In the Family*.

"O Patrick Wang é uma personalidade especial. E só tenho pena que seja um cineasta tão bissexto: só tem três filmes até hoje. Portanto, com a exibição agora de *The Grief of Others* e *A Bread Factory*, vimos a obra completa dele, no contexto do ciclo", resume Carlos Nogueira, sem deixar de salientar que falamos de alguém multifacetado, que vem de uma formação técnica, relacionada com Economia, sendo também encenador, escritor e tradutor de poesia russa.

Tudo isto a bater certo com o realizador que causa fascínio pelos seus "planos clássicos, não espalhafatosos, de um cuidado de *mise-en-scène* admirável". Uma arte a ser testemunhada intensamente, desde logo, no seu filme de maior fôlego, *A Bread Factory*, dividido em duas partes, que o programador enaltece. "As duas metades, embora sejam a continuação uma da outra, têm abordagens diferentes: há mais realismo na primeira metade e uma forma mais fantasista na segunda. É um filme que aprecio imenso, e era muito bom que o público não se 'assustasse' com a duração de quatro horas."

Entre outros filmes, que se espera conseguirem "navegar sozinhos" por terem questões bem definidas no papel – como *The Surrogate*, com uma narrativa sobre a gestação de substituição, ou *Pier Kids*, documentário que sonda os laços de uma comunidade de jovens LGBT negros –, Carlos Nogueira chama a atenção para o que pode passar despercebido.

"Destacaria o *South Mountain* [de Hilary Brougher], que me parece um daqueles filmes raros, adultos, com uma feição *crowd-pleaser*, que não vira as costas ao público, e com uma atriz que vem das séries, Talia Balsam. E no último dia [5 de maio] temos dois títulos que saltam igualmente à vista: o já referido *Bloody Nose, Empty Pockets*, dos irmãos Ross, de quem gostava de continuar a apresentar filmes neste ciclo, porque são muito bons; e o filme de encerramento, *A Thousand and One* [de A.V. Rockwell], que é a grande saga neste panorama. É uma obra de Nova Iorque, a fazer pensar em Spike Lee e nos primeiros Scorsese, em que a cidade está muito presente, cobrindo-se um período temporal bastante largo – são cerca de 10 anos na vida de uma família que luta contra aquilo que parece ser o destino. É um grande filme."

E por falar em largo período de tempo, vale a pena pôr também os olhos em *The Cathedral*, de Ricky D'Ambrose, um artesanato de emoções arrefecidas, que traçam a história de uma família americana ao longo de duas décadas, entrelaçando o íntimo e o coletivo numa distinta linguagem formal. Expressão de cinema e família, é tudo o que se quer neste *Outsiders*.

dnot@dn.pt

Sessões:

30 abril
THE UNKNOWN COUNTRY (21.15)

1 maio
LAND HO! (17.00)

SOUTH MOUNTAIN (19.00)

PIER KIDS (21.15)

2 maio
THE CATHEDRAL (19.00)

THE GRIEF OF OTHERS (21.30)

3 maio
DRIVEWAYS (19:00)

BIRTH/REBIRTH (21:15)

4 maio
A BREAD FACTORY (15.00)

THE SURROGATE (21.15)

5 maio
BLOODY NOSE, EMPTY POCKETS (17.00)

A THOUSAND AND ONE (19.00)

Língua somos todos
Margarita Correia

A língua portuguesa e o desfile na Avenida da Liberdade

O desfile na Avenida da Liberdade na passada quinta-feira, dia 25, constituiu um bálsamo para combater algum desânimo que por aqui se instalara nos últimos meses e um forte incentivo para aqui continuar a falar do poder das línguas e do poder dos seus falantes. É difícil não interpretar o desfile na Avenida da Liberdade uma metáfora do caminho percorrido pela língua portuguesa nos últimos 50 anos, tantos são os pontos que um e outra têm em comum!

Tal como o mar de gente que irrompeu pela Avenida foi engrossando ao longo do seu percurso, também a língua portuguesa cresceu e se revigorou nos últimos 50 anos, alimentada pelas torrentes de falantes que, por vontade própria, decidiram adotá-la como símbolo da sua nova identidade.

Tal como a massa de pessoas no desfile constituiu um mosaico espontâneo, desalinhado e colorido de criatividade, entusiasmo e júbilo, também a língua portuguesa se engrandeceu e coloriu ao ser falada por tanta gente espalhada pelo mundo inteiro e ao conviver com tantas culturas e línguas diferentes.

Tal como pessoas tão diversas – na cor, nas crenças, nos sentimentos, nos desejos – se sentiram irmanadas pelo amor à liberdade, também os povos que falam a língua portuguesa se sentem unidos, irmãos, membros de uma prole que aspira à liberdade e à tranquilidade.

Tal como os que descemos a Avenida da Liberdade fomos felizes na comunhão de vozes, desejos e aspirações, também a língua portuguesa vive e rejubila na comunhão das diferenças entre todos aqueles que a falam e dela fazem sua.

Tal como os tantos jovens que desfilaram na Avenida nos trouxeram a certeza da sua determinação em manter os ideais de Abril e as liberdades conquistadas, também os tantos jovens que falam a língua portuguesa por esse mundo e dela fazem sua nos garantem que a farão viver e desabrochar sem correntes nem grilhetas.

Tal como o desfile da Avenida mostrou, com exuberância, o quanto amamos a liberdade e estamos dispostos a lutar por ela, também a língua portuguesa tem a capacidade de demonstrar ao mundo que uma língua não cresce pela afirmação e exercício do poder, mas pela vontade de criar uma comunidade mais ampla, abrangente e diversificada.

Tal como a democracia que foi defendida e proclamada na Avenida da Liberdade é imperfeita, incompleta e precisa de cuidados, alimento e atenção permanentes, também a língua precisa do nosso cultivo, da nossa compreensão, do nosso respeito, do nosso investimento e da nossa dedicação.

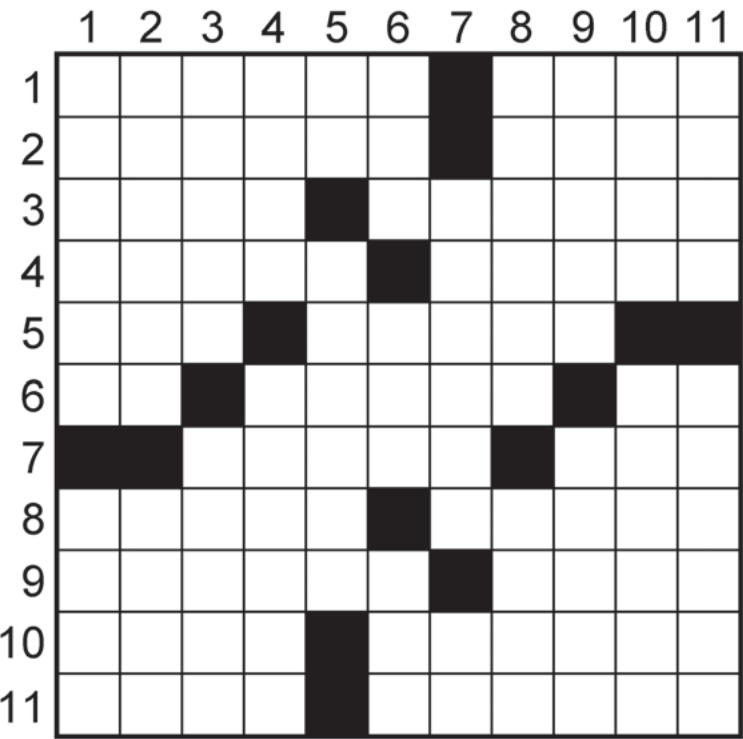
Tal como as ameaças, o ódio e os prenúncios de desgraça não intimidaram todos aqueles que, de cravo ao peito, em punho ou enfeitando os cabelos, decidiram dizer "Presente!" e manifestar a sua vontade, também a língua portuguesa será capaz de resistir a bravatas bolorentas e cheias de azedume, nacionalismos bacocos e saudosismos tão tristes quanto inúteis.

Tal como a multidão na Avenida demonstrou que o 25 de Abril não existe apenas em paredes, placas comemorativas e armários fechados a sete chaves, também a língua portuguesa está dispersa e em toda a parte ganhará raízes e espaço no coração dos seus falantes.

A língua portuguesa é um cravo vermelho que se manterá vigoroso enquanto se mantiver uma aliada da liberdade, da democracia e da paz. Todos temos o dever de contribuir para isto.

Viva o 25 de Abril! Viva a língua portuguesa! Viva a liberdade!

Professora e investigadora, coordenadora do Portal da Língua Portuguesa

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Espécie de leopardo da América do Sul, cuja pele tem pintas oceladas. O ponto mais alto de Portugal. **2.** Entrada. Irritar. **3.** Conjunto de porcos. Pilhagem. **4.** Apertara com nó. Estranhar. **5.** Casa de habitação. Súplica religiosa. **6.** Seguir até. Balcão onde se fazem pagamentos e recebimentos. Platina (símbolo químico). **7.** Regra de procedimento. Botequim. **8.** Limalha. Restabelece. **9.** Candelabro pendente com muitas luzes. Parcela. **10.** Grande caixa com tampa plana. Cada uma das varas metálicas que constituem a armação do guarda-chuva. **11.** Ratar. Partir.

Verticais:
1. Porco-bravo. Levantar. **2.** Respeitar. Sem mistura. **3.** Conceber. Vem ao mundo. **4.** Servir-se de. Eliminar. **5.** Elas. Cortar as beiras de. **6.** Grande porção (popular). Víscera dupla. A primeira mulher, segundo a Bíblia. **7.** Juntar. Prefixo (afastamento). **8.** Grão de milho estalado ao calor e comido como aperitivo. Malhadouro. **9.** Inflamação da íris. Pequeno barco. **10.** Bambu. Pessoa tola. **11.** Discursar. Maquinar (figurado).

SUDOKU

		6		2	1			3
					9		4	
	9		3				1	
		4	8					
				1			6	
	6	7	2	4			8	5
			9					
7	5			8	4			9
		9			2	4	5	7

SOLUÇÕES

8	7	6	4	2	1	5	9	3
2	1	3	5	6	9	7	4	8
4	9	5	3	7	8	6	1	2
5	3	4	8	9	6	2	7	1
9	2	8	7	1	5	3	6	4
1	6	7	2	4	3	9	8	5
3	4	1	9	5	7	8	2	6
7	5	2	6	8	4	1	3	9
6	8	9	1	3	2	4	5	7

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Jaguar. Pico. 2. Acesso. Irar. 3. Vara. Rapina. 4. Atara. Notar. 5. Lar. Prece. 6. Ir. Caixa. Pt. 7. Norma. Bar. 8. Apara. Reata. 9. Lustre. Item. 10. Arca. Vareta. 11. Roer. Abalar.
Verticais:
1. Javali. Alar. 2. Acatar. Puro. 3. Gerar. Nasce. 4. Usar. Cortar. 5. As. Aparar. 6. Ror. Rim. Eva. 7. Anexar. Ab. 8. Pipoca. Eira. 9. Irite. Batel. 10. Cana. Pateta. 11. Orar. Tramar.

A bagageira tem capacidade para 516 litros. A autonomia anunciada é de 413km (WLTP) em ciclo misto.

Astra ST Electric: carrinha de sucesso da Opel está pronta para o futuro

MOTORES A clássica *station wagon* da Opel ganha nova vida na era da eletrificação, apostando no conforto e no *design* elegante.

TEXTO **FERNANDO MARQUES** (MOTOR 24)

Antes do gosto generalizado pelo formato SUV, os portugueses tiveram uma paixão por um outro tipo de carroçaria em particular: a *station wagon* ou carrinha. A Opel sabe disso muito bem, sobretudo quando refere que 60% das vendas do modelo Astra são na sua versão Sports Tourer. Este tipo de veículo não é uma novidade para a marca alemã, que já os fabrica desde 1953.

Na época, com o *slogan* "Prático e Bonito", batizaram-no de Olympia Record Caravan e foi criado para ser um meio de transporte familiar e versátil.

Agora, o novo Astra Sports Tourer Electric pega no conceito e atualiza-o para a era da eletrificação. Dotado de um *design* vencedor do prémio *Red Dot Award*, a frente do recém-lançado Astra é dominada pelo *Visor*, um elemento horizontal que integra de forma elegante a iluminação e os componentes tecnológicos, como o radar e os sensores.

A marca germânica está inserida no universo Stellantis e, naturalmente, recorreu à plataforma multi-energia do grupo para disponibilizar ainda propulsões diesel, gasolina e híbrida *plug-in*. Situação que irá mudar em 2025, quando todos os novos modelos terão apenas motorizações totalmente elétricas.

Na versão 100% elétrica, a tração dianteira é fornecida por um motor colocado na frente, capaz de produzir 156cv e 270Nm de binário. A energia provém de uma bateria de 54kWh colocada debaixo do piso dos bancos à frente e atrás. A solução encontrada melhora a rigidez torcional em 31%, sem interferir com a habitabilidade para os ocupantes da fila traseira, nem com o tamanho da bagageira com capacidade para 516 litros, mas aumentando para 1533 litros com os bancos traseiros rebatidos.

> O modelo está disponível no mercado nacional por um preço inicial de 41 070 euros. As propostas de *renting* começam nos 399/mês.

A autonomia anunciada pela Opel é de 413km (WLTP) em ciclo misto e a bateria pode ser carregada numa *wallbox* doméstica a 11kW AC ou num carregador rápido até 100kW DC, demorando 30 minutos entre os 0 e os 80%.

Puro e fluido

Na apresentação nacional do Astra Sports Tourer Electric, os representantes da marca mostraram-se orgulhosos pelo objetivo atingido de o peso da versão elétrica ser 1760 quilos, exatamente o mesmo da versão híbrida *plug-in*.

No breve contacto dinâmico, ficámos bem impressionados com um *design* limpo no interior, com o painel de instrumentos e o ecrã de infoentretenimentos tátil. Unidos, formam o que a marca designa como *Pure Panel*, orientado para o condutor, em que destacamos a conectividade com *Apple CarPlay* e *Android Auto* sem fios.

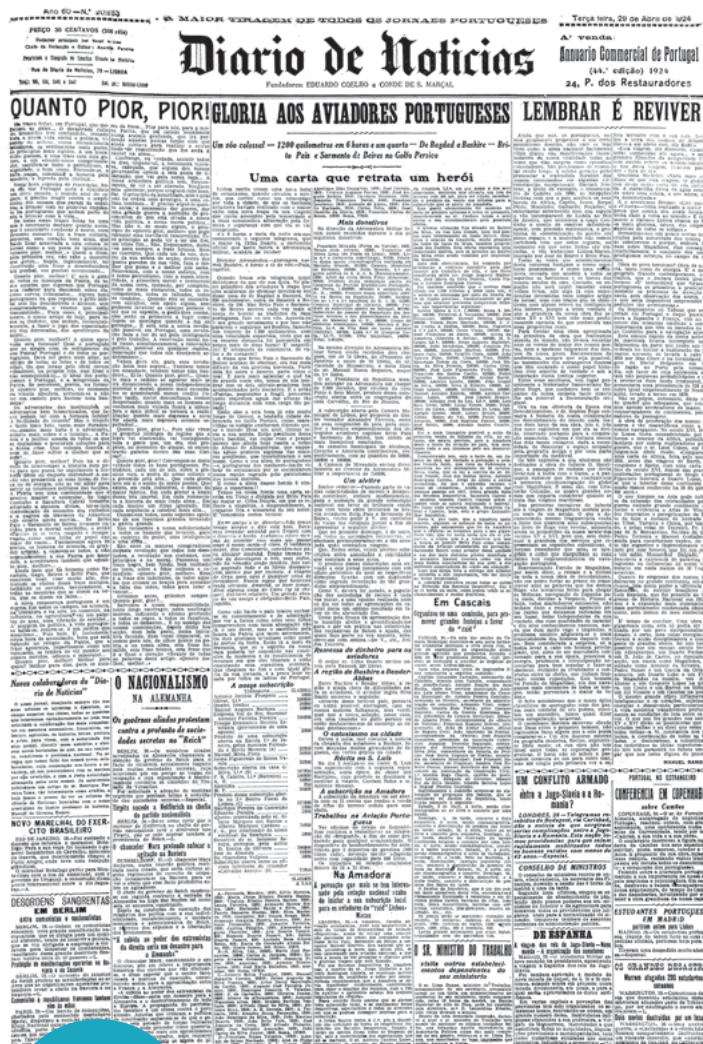
Existem três modos de condução disponíveis, *Eco* (108cv e 220Nm), *Normal* (136cv, 250Nm) e *Sport* (156cv e 270Nm), o que permite gerir o desempenho em função do tipo de condução e autonomia pretendidos. Acrescente-se também um modo de regeneração mais intenso, identificado como "B", mas que não chega a poder ser utilizado num estilo de condução apenas com o pedal do acelerador ou *one pedal*. A marca anuncia 9,3 segundos dos zero aos 100km/h e uma velocidade máxima limitada aos 170km/h.

Os bancos da frente pareceram-nos confortáveis, nos cerca de 50 quilómetros que percorremos ao volante do novo Astra. Pudemos confirmar o esforço complementar que a Opel fez no isolamento de ruídos vindos do exterior, ao equipar o Astra Electric com vidro duplo no para-brisas e janelas da frente.

O Astra Sport Tourer Electric está disponível no mercado nacional por um preço inicial de 41 070 euros. Existem ainda propostas de *renting* de 399 euros por mês para particulares e 420 euros para empresas.

Diario de Noticias

QUANTO PIOR, PIOR! | GLORIA AOS AVIADORES PORTUGUESES | LEMBRAR É REVIVER

Uma carta que retrata um herói

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 29 DE ABRIL DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

QUANTO PIOR, PIOR!

Ha frases feitas, em Portugal, que mereciam as galés... O desastrado culto do trocadilho tem confundido, trocado toda a nossa vida social e politica, virando do avêsso, numa inconsciencia criminosa, os sentimentos mais puros, os principios mais rigidos. A um trocadilho gostoso, a uma frase com dois gumes, a um «double-sens» comprometedor, sacrifica-se tudo: o patriotismo, a dignidade, o bom senso. Pretende-se, a cada passo, substituir a historia pela anedota, a legenda pela chalaça...

Nesta hora suprema de renovação, hora em que Portugal anda a descobrir um novo mundo, o mundo azul do espaço, é preciso reagir contra o scepticismo dos ociosos que param ás esquinas a brincar com as palavras enquanto ha portugueses que andam perto do céu a brincar com a vida...

De todas essas frases feitas ha uma que é necessario desfazer quanto antes, que é necessario condenar á morte, num processo sumario. Eis a frase sinistra, perversa, sem coração nem alma, que ha-de ficar amarrada a esta coluna de jornal como a um poste de ignominia: «quanto pior, melhor...» Quem a disse, pela primeira vez, não sabe o monstro que gerou... Supôs, ingenuamente, ter construido uma frase e desembainhou um punhal, um punhal envenenado...

Quanto pior, melhor! E' este o grito de todos os inimigos da Patria, de todos aqueles que esperam que Portugal seja cadaver para descerem sobre ele, como corvos esfaimados... Alguns bons portugueses ha que repetem o grito mortal sem lhe descobrirem o alcance, sem compreenderem o veneno que estão transmitindo... Para esses é, principalmente, o nosso artigo de hoje, para todos os iludidos, que andam, inconscientemente, a fazer o jogo dos especuladores das derrocadas, dos «profiteurs» da morte...

Quanto pior, melhor?! A quem aproveita esta formula? Qual o português que se alegra com os sofrimentos da sua Patria? Portugal é de todos os portugueses. Deve ser posto num altar, ao abrigo de todas as lutas e de todos os odios. Os que lutam pelo ideal devem robustecer, na propria luta, esse ideal e não amesquinhá-lo... O ideal dos portugueses é Portugal, é a integridade da Patria. Se persistem, porém, na formula «quanto pior, melhor», no momento da vitoria absoluta, arriscam-se a não ter um castelo para hastear uma bandeira!

Os adversarios das instituições, os adversarios bem intencionados, que lucro podem ter com a formula infeliz? A facilidade do triunfo? Mas o triunfo é tanto mais belo, tanto mais duradouro, quanto mais forte é o adversario, quanto mais nobre é o inimigo... A Patria é a mulher amada de todos os que se degladiam e procuram soluções para a nossa crise. Que volupia doentia é essa de fazer sofrer a mulher que se ama?...

Quanto pior, melhor? Pois ha o direito de interromper a historia dum povo para que possa ter seguimento a historia deste ou daquele individuo? A nação não premedita as suas horas de força ou de energia, não as vai adiar para servir os interesses politicos das facções. A Patria tem uma continuidade que é preciso manter e estimular. Se Gago Coutinho e Sacadura Cabral tivessem adoptado a sinistra divisa, ter-se-iam despedaçado de encontro aos rochedos e a pagina da travessia do Atlantico não estaria ainda escrita... Se Brito Pais e Sarmento de Beires tivessem ouvidos para o mortal estribilho, o avião «Patria» já se teria rasgado e desaparecido como uma folha de papel nas mãos do vento... Fantasiemos agora os poetas, os homens de sciencia, os grandes artistas, a calarem-se todos, a não engrandecerem a sua Patria por amor dela, a acreditarem tambem que «quanto pior, melhor»...

Ainda bem que ha homens como Sacadura, Gago, Beires e Brito Pais, que resolvem voar, voar muito alto, destruindo os efeitos dessa frase maligna, fechando os ouvidos, heroicamente, a todas as mentiras que se dizem na terra, que se dizem na lama...

A nova renascença portuguesa é um dogma. Em todos os campos, na sciencia, na literatura e na arte, no comercio, na industria, na agricultura, vai um palpitar de asas, uma vibração de estrofes... A' margem da politica, a vida portuguesa agita-se, renova-se, é um jardim que amanhece... Pois bem. E', justamente, nesta hora de anunciação, hora que está batendo no relogio da Patria, que a frase agoureira, impertinente como um moscardo, se lembra de vir zumbir aos nossos ouvidos, odienta e miseravel...

Quanto pior, melhor! Melhor para quem? Melhor para eles, para os autores da frase... Pior para nós, para a nossa Patria, que irá caindo lentamente numa anemia profunda, que irá perdendo aquelas poucas forças com que ainda contava para realizar o sonho lindo de ressurreição que lhe anda a cantar na alma...

Confrange, na verdade, assistir todos os dias, impassivel, á resistencia teimosa, cabeçuda, que alguns dos nossos governantes opõem a esta ansia de libertação que vai pela nossa raça... A nossa atmosfera politica tem, forçosamente, de vir a ser alterada. Ninguem sabe obedecer, porque ninguem sabe mandar. O principio da autoridade, sem o qual não ha ordem nem prestigio, é uma coluna tombada... E' preciso erguê-lo quanto antes, é necessario dar guerra, dar uma grande guerra á multidão de preconceitos de que está eivada a nossa vida politica, a nossa morte politica... Mas não é, de modo algum, o principio do «quanto pior, melhor» que pode apressar essa inevitavel ressurreição. Esse principio só pode vir a ter um fim, um triste fim... Não. Esqueçamos, duma vez para sempre, a frase lutuosa. Bem ao contrário. Que cada um de nós, dentro da sua esfera de acção, dentro das quatro paredes da sua vida, faça o melhor que possa e o melhor que saiba. Renovemos, com o nosso esforço, com o nosso patriotismo, com a nossa sinceridade, a atmosfera moral e intelectual da nossa terra, isolando, por completo, todos os maus elementos, todos os incompetentes, todos os falhados, todos os vendidos... Quando eles se encontrarem sózinhos, sem apoio algum, sem poderem levantar as cabeças perante o sol que os espreita, a pedir-lhes contas, eles serão os primeiros a fugir como fogem os morcêgos quando a luz os persegue... E será esta a unica revolução possivel em Portugal, uma revolução feita á luz do sol pela inteligencia e pelo trabalho. A renovação moral ha-de trazer, simultaneamente, a renovação politica, possivel em qualquer regime, renovação que todos nós desejamos ardentemente...

Vamos para ela, para essa revolução lenta mas segura... Tambem temos um estandarte, tambem temos uma bandeira... Ei-la: Quanto pior, pior!... Quanto mais o cambio se agravar mais se irá distanciando a nossa independencia material e moral; quanto mais escandalos se acumularem menos credito iremos tendo, maior desconfiança iremos despertando; quanto mais os homens se venderem mais viciada ficará a atmosfera e mais dificil se tornará a reabilitação; quanto mais depressa a cova fôr aberta mais depressa seremos sepultados!...

Quanto pior, pior!... Pois não vêem os proprios inimigos do regime que a lepra vai alastrando, vai contagiando toda a gente que, um dia, eles proprios, no momento do ataque, só encontrarão gafados dentro das suas fileiras?...

Quanto pior, pior! Convençam-se desta verdade todos os bons portugueses. Ponhâmos, cada um de nós, sobre a planicie raza, a pedra do nosso esforço e a piramide será alta... Que cada poeta leve em si o sonho do maior poema. Que exista, em cada industrial, o desejo da maior fabrica. Em cada pintor a ansia duma tela imortal. Em cada romancista a historia da mais linda alma... Em cada musico um ritmo ignorado. Em cada arquitecto a catedral mais alta...

Unamo-nos todos, neste supremo egoismo de nos fazermos grandes tornando a patria grande.

Não recusemos a nossa solidariedade a todos os homens que levarem, para as cadeiras do poder, uma inteligencia e uma alma...

São esses os maiores conspiradores daquela revolução que todos nós desejamos, a revolução nos costumes, nos principios e na moral. Passemos um traço negro, bem fundo, bem molhado de tinta, sobre a frase untuosa e comodista: «quanto pior, melhor». Essa é a frase dos indolentes, de todos aqueles que cruzam os braços para esconder a falta das mãos, mãos para lutar e vencer...

Gritemos antes, gritemos sempre: Quanto pior, pior!...

Salvemos a nossa responsabilidade, neste longo naufragio, neste naufragio moroso, indicando o abismo profundo a todos os cegos, a todos os fanaticos, a todos os dementes... E no sossêgo das nossas consciencias, depois duma boa acção, dum belo gesto, duma iniciativa fecunda, dum verso impecavel, rezemos para nós, de olhos postos na patria e na nossa alma, esta frase humilde, esta frase branca, esta frase que é a final o coração vibrante de todas as palavras deste artigo: «Quanto melhor, melhor...»

UM CONFLITO ARMADO

entre a Jugo-Slavia e a Romania?

LONDRES, 28 — Telegramas recebidos de Budapest, via Carlsbad, dão a noticia de que surgiram serias complicações entre a Jugo-Slavia e a Romenia. Esta nação tomou providencias para que sejam rapidamente mobilizados todos os homens validos com menos de 42 anos.—Especial.

CONSELHO DE MINISTROS

O conselho de ministros reuniu-se ontem, efectivamente, na secretaria das Finanças, durando a sessão das 9 horas da manhã á uma da tarde.

Segundo nota oficiosa, ocupou-se especialmente do abastecimento de pão, tendo dado plenos poderes aos srs. ministros do Interior e da Agricultura para tomarem todas as providencias que julgarem uteis para a normalização da situação. Ocupou-se tambem de assuntos correntes de administração publica.

DE ESPANHA

A viagem dos reis da Jugo-Slavia — Nova moeda — A organização dos somatenes

MADRID, 28.—O Directorio Militar esteve reunido na presidencia, apreciando a viagem á Espanha dos reis da Jugo-Slavia.

Foi tambem aprovado o modelo da nova moeda de niquel, de 5, 10 e 20 centimos, estando ainda em projecto outra moeda divisionaria, em prata, e para a qual serão aproveitados os duros sevilhanos.

Em varias capitais e povoações das provincias têm sido organizados os somatenes locais, realizando-se ontem, em grande numero delas, festividades religiosas oferecidas á sua padroeira, a Virgem de Monserrate, festividades a que assistiram todas as autoridades, deputações provinciais e municipalidades, bem como numerosas entidades dos meios bancarios, industriais e comerciais.—(L).

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

CONFERENCIA EM COPENHAGUE

sobre Camões

COPENHAGE, 26.—O sr. dr. Ferreira de Almeida, encarregado de negocios de Portugal, realizou ontem, com grande assistencia, uma conferencia numa das salas da Universidade, tendo por tema «Camões, a sua vida e a sua obra».

O conferente descreveu a figura legendaria de Camões nos seus aspectos de escritor, poeta, amoroso, lutador e viajante. A proposito da sua obra, cujas belezas realçou, recitando varios trechos, passou em revista todos os descobrimentos e conquistas dos portugueses.

Falando sobre a literatura portuguesa, marcou a sua importancia na nossa epopeia maritima e colonizadora. Em seguida, descreveu a beleza incomparavel da nossa arquitectura, do tempo de Camões e das descobertas, terminando por enaltecer a obra grandiosa da nossa raça.

ESTUDANTES PORTUGUESES EM MADRID

partiram ontem para Lisboa

MADRID, 28.—Os estudantes portugueses, depois de terem feito as suas despedidas oficiais, partiram hoje para Lisboa.

Tiveram uma despedida muito afectuosa.—Especial.

OS GRANDES DESASTRES

Morrem afogados 200 estudantes coreanos

WASHINGTON, 28.—Comunicam da Coréa que duzentos estudantes coreanos morreram afogados perto de Tchinnampo, por ter naufragado o navio em que viajavam.—L.

Dois navios destruidos por um incendio

WASHINGTON, 28.—Dois navios de guerra, o «California» e o «Rode Island», ficaram completamente destruidos por um violento incendio, que destruiu os estaleiros de Oakland, na California.—L.

Novos colaboradores do "Diario de Noticias"

O nosso jornal, desejando sempre que nas suas colunas se apreciem e discutam, no campo superior das ideias, todas as questões que interessam verdadeiramente ao país, tem solicitado a colaboração dos mais competentes em assuntos economicos, financeiros, coloniais, agricolas, de historia, letras, pintura e artes, para virem, com a autoridade dos seus nomes, discutir esses assuntos e abrirem novos horizontes ás que, no seu conjunto, constituem o problema nacional. Na escolha que temos feito dos nossos novos colaboradores, cuja cooperação nos honra e envaidece, só nos preocupámos com os meritos por eles revelados, e com a justa autoridade alcançada pelos seus nomes. Já ante-ontem publicámos um artigo do sr. Henrique Ferreira Lima, tão interessante como erudito, e hoje temos o prazer de ver as colunas do «Diario de Noticias» honradas com o nome prestigioso do ilustre professor de historia, Manuel de Oliveira Ramos.

NOVO MARECHAL DO EXERCITO BRASILEIRO

RIO DE JANEIRO, 28.—Foi assinado o decreto que reforma o marechal Botafogo. Para a sua vaga foi nomeado o general Setembrino de Carvalho, ministro da Guerra, que recentemente chegou a Porto Alegre, onde teve uma recepção grandiosa.

O marechal Botafogo partiu para Montevideu com o fim de examinar, com o governo do Uruguay, a construção duma ponte internacional sobre o rio Jaquarão.—A.

DESORDENS SANGRENTAS EM BERLIM

entre comunistas e nacionalistas

BERLIM, 28. — Ontem os comunistas atacaram uma grande manifestação nacionalista que se dirigia para um comicio eleitoral, tendo de intervir a policia, que se viu obrigada a empregar a violencia para dispersar os combatentes, resultando desta grande desordem ficarem feridas mais de 40 pessoas.—L.

Proibição de manifestações operarias na Baviera e na Saxonia

BERLIM, 28.—O ministro do Interior do Reich proibiu as manifestações ao ar livre que as organizações operarias pretendiam levar a efeito na Baviera e na Saxonia.—L.

Comunistas e republicanos franceses tambem vêm ás mãos

PARIS, 28—Um bando de comunistas, chefiados pelo conhecido marinheiro Marty, dispersou a reunião eleitoral do Bloco Nacional ontem realizada em Sartoneille, perto de Versailles. Estabeleceu-se um combate entre ambos os grupos, ficando varias pessoas feridas, entre elas o sr. Tardieu, ex-ministro das regiões libertadas.—L.

O NACIONALISMO NA ALEMANHA

Os govêrnos aliados protestam contra a profusão de sociedades secretas no "Reich"

BERLIM, 28.—Os ministros aliados acreditados na Alemanha chamaram a atenção do govêrno do Reich para o facto de existirem actualmente naquele país muitas sociedades secretas, cuja actividade põe em perigo as tropas de ocupação e cuja organização é absolutamente contraria ás clausulas do Tratado de Versailles.

Foi solicitada a adopção de medidas urgentes que ponham termo á actividade das sociedades secretas.—Especial.

Tirpitz sucede a Helfferich na chefia do partido nacionalista

BERLIM, 28.—Dá-se como certo que o sucessor de Helfferich na chefia do partido nacionalista será o almirante von Tirpitz, que se sabe aspirar tambem á presidencia do Reich.—L.

O chanceler Marx pretende sufocar a agitação na Baviera

DUSSSELDORF, 27.—O chanceler Marx declarou, numa reunião politica realizada nesta cidade, que seria curioso alguns regimentos do exercito de ocupação instalarem-se na Baviera para se ver o efeito que esse facto produziria sobre os agitadores.

O chefe do governo do Reich mostrou-se em seguida contrario á entrada da Alemanha na Liga das Nações tal como esta se encontra constituida.

Expôs as condições de execução dos relatorios dos peritos com a sua indivisibilidade, restabelecimento e unidade economica e administrativa do Reich, o regresso dos expulsos e a libertação dos prisioneiros.

"A subida ao poder dos extremistas da direita seria um desastre para a Alemanha"

O chanceler Marx, continuando o seu discurso, pôs em relevo a importancia historica das eleições que vão efectuar-se, e disse esperar que o centro favorecerá a politica de execução, contribuindo assim para a aproximação entre a França e a Alemanha.

«A subida ao poder dos extremistas da direita—disse—seria um desastre para a Alemanha e o desmoronamento de toda a Europa. A propaganda do patriotismo fanatico é um crime contra o povo alemão. Aqueles que criticam a politica de conciliação esquecem-se de que o govêrno está privado de forças militares e que não pode proceder como quereria. Noto que quanto mais nos aproximamos dos territorios ocupados, mais razoavel é a população e mais se afasta do ultramontanismo.»

Milhares na Georgia contra lei dos "agentes estrangeiros"

Milhares de georgianos protestaram ontem em Tiblíssi contra a lei dos "agentes estrangeiros", que o Governo quer aprovar em segunda leitura amanhã, mas que a oposição e os países ocidentais dizem ser autoritária e inspirada na Rússia. Se a lei passar (são precisas três leituras), será obrigatório as organizações que recebem mais de 20% do seu financiamento de fora do país registarem-se como "agentes estrangeiros", sob pena de serem multadas. Uma lei semelhante foi usada na Rússia para calar as vozes dissidentes.

EPA / DAVID MDZINARISHVILI

Sindicato retira confiança a ex-deputada do PSD

CASO Lina Lopes, que falhou a reeleição para a AR em março, foi nomeada para o gabinete do vice-presidente do Parlamento Diogo Pacheco Amorim, do Chega.

Os Trabalhadores Social Democratas (TSD) apontaram uma quebra da "confiança político-sindical" na sua dirigente e ex-deputada Lina Lopes, nomeada para o gabinete do vice-presidente do Parlamento do Chega, pedindo à UGT a sua substituição no secretariado executivo.

"Muito recentemente fomos confrontados com a notícia, entretanto confirmada, de que uma das dirigentes dos TSD e que faz parte do Secretariado Executivo da UGT, passou a integrar o gabinete do vice-presidente da Assembleia da República, Diogo Pacheco de Amorim, deputado eleito nas listas do partido Chega", pode ler-se na tomada de posição do executivo do Secretariado Nacional dos TSD, assinado pelo secretário-geral Pedro Roque Oliveira e à qual a Lusa teve acesso.

Na opinião da estrutura, esta é uma situação de "uma gravidade extrema" porque ao ter sido uma escolha pessoal trata-se de "um grau de confiança política indesmentível na pessoa nomeada por parte de quem nomeia", acrescentando ainda que, segundo o seu conhecimento, a decisão da antiga deputada do PSD "não foi antecedida por um qualquer tipo de informação ao Secretário-Geral dos TSD, nem à Presidente da UGT ou ao seu Secretário-geral".

Perante estes factos, o executivo do Secretariado Nacional dos TSD reuniu-se para analisar o caso e foi decidido por unanimidade que "há uma quebra irreversível da confiança político-sindical, por parte dos TSD, na dirigente", cujo trabalho não merece qualquer avaliação negativa.

"Consequentemente solicitei ao sr. secretário-geral da UGT que possa propor a substituição no Secretariado Executivo da UGT da dirigente em questão", acrescenta a nota. Foi ainda decidido dar conhecimento desta posição ao Conselho de Disciplina e Fiscalização Nacional dos TSD para "analisar o caso numa vertente jurídica".

Lina Lopes foi deputada ao Parlamento nas XIV e XV legislaturas, mas nas eleições de 10 de março caiu do sexto lugar que tinha ocupado em 2022 para penúltimo lugar na lista por Lisboa e não foi eleita. **DN/LUSA**

BREVES

Chega vai apresentar voto de condenação a Marcelo

O Chega vai apresentar na próxima semana, na Assembleia da República, um voto formal de condenação ao Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, e às declarações que proferiu sobre a reparação devida pelo passado colonial português, anunciou o partido.
Em comunicado, o Chega considera que as palavras de Marcelo Rebelo de Sousa representam "uma traição ao povo português e à sua História".
Depois de, na passada terça-feira, perante jornalistas estrangeiros, o Presidente da República ter sugerido que Portugal assumisse responsabilidades por crimes cometidos na era colonial, propondo o pagamento de reparações, Marcelo voltou a falar no assunto no sábado, à margem da inauguração do Museu Nacional da Resistência e da Liberdade, em Peniche. Depois das declarações do PR, o Governo afirmou, em comunicado, que "não esteve, e não está, em causa nenhum processo ou programa de ações específicas com o propósito" de reparação pelo passado colonial português e defendeu que se pautará "pela mesma linha" de Executivos anteriores.

Paulo Raimundo apela à mobilização no 1.º de Maio

O secretário-geral comunista, Paulo Raimundo, apelou à mobilização no 1.º de Maio para mostrar ao Governo que "não tem mãos livres" e considerou que a proposta fiscal do PCP é a melhor para os trabalhadores. Num almoço comemorativo dos 50 anos do 25 de Abril no Seixal, Raimundo enalteceu a "poderosa afirmação de vigor" das manifestações populares da *Revolução dos Cravos* e fez um apelo à mobilização no *Dia do Trabalhador*.
"O 1º de Maio dará esse sinal claro de que o capital, os grupos económicos e o Governo não têm as mãos livres para aplicar o seu projeto. Gostariam de fazer o que querem, mas os trabalhadores e o povo e a juventude não lhes vão dar essa possibilidade", defendeu.
Sobre a polémica em torno do alívio fiscal, Paulo Raimundo apontou a "operação extraordinária de comparações entre o projeto do Governo e o projeto do PS", assumindo que eles não são iguais apesar de estarem ambos agarrados ao "colete-de-forças de Bruxelas" e passarem "ao lado de pôr a pagar mais aqueles que podem". "O nosso projeto foi aprovado [na generalidade]. Está aberta uma possibilidade para fazer um caminho de justiça fiscal. Fica aqui o desafio: aqueles que andam a fazer as parangonas, a comparar o projeto do Governo com o do PS, comparem esses dois projetos com o nosso e vão ver qual é aquele que beneficia mais quem trabalha e quem trabalhou uma vida inteira", desafiou.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Secretário-geral** Afonso Camões **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt